

MAIN
869.95
M775a
1999

Northwestern
University Library
Evanston,
Illinois 60208-2300





LITERATURA INFANTIL

Série 1.^a

da **BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA**
Sob a direção de Fernando de Azevedo

Os livros de MONTEIRO LOBATO

*possuem uma continuidade episódica e
devem ser lidos na seguinte ordem:*

- 1 — *Reinações de Narizinho*
- 2 — *Viagem ao Céu*
- 3 — *O Sací*
- 4 — *Caçadas de Pedrinho*
- 5 — *Hans Staden*
- 6 — *História do Mundo*
- 7 — *Peter Pan*
- 8 — *Emília no País da Gramática*
- 9 — *Aritmética da Emília*
- 10 — *Geografia de Dona Benta*
- 11 — *História das Invenções*
- 12 — *D. Quixote das Crianças*
- 13 — *Memórias da Emília*
- 14 — *O Poço do Visconde*
- 15 — *Serões de Dona Benta*
- 16 — *Histórias de Tia Nastácia*
- 17 — *O Picapau Amarelo*
- 18 — *O Minotauro*
- 19 — *A Chave do Tamanho*
- 20 — *A Reforma da Natureza*
- 21 — *O Espanto das Gentes*
- 22 — *Fábulas*

Edições da
COMPANHIA EDITORA NACIONAL
SÃO PAULO - BRASIL

AVENTURAS
DE
HANS STADEN

Serie 1.ª

LITERATURA INFANTIL
BIBLIOTECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

Vol. 5

MONTEIRO LOBATO

AVENTURAS DE HANS STADEN

O HOMEM QUE NAUFRAGOU NAS COSTAS
DO BRASIL EM 1549 E ESTEVE OITO MESES
PRISIONEIRO DOS INDIOS TUPINAMBAS;
NARRADAS POR DONA BENTA AOS SEUS
NETOS NARIZINHO E PEDRINHO.

6.ª EDIÇÃO



1944

COMPANHIA EDITORA NACIONAL
São Paulo - Rio de Janeiro - Recife - Bahia - Pará - Porto Alegre

Main

869.95

11775_a

1999



Aventuras de Hans Staden

contém os seguintes capítulos:

I —	<i>Quem era Hans Staden.</i>	11
II —	<i>A revolta dos índios.</i>	19
III —	<i>A volta para Lisboa.</i>	25
IV —	<i>A segunda viagem.</i>	29
V —	<i>Reconhecimento da terra.</i>	35
VI —	<i>O naufrágio.</i>	41
VII —	<i>O forte de Bertioga.</i>	45
VIII —	<i>A captura de Hans Staden.</i>	51
IX —	<i>Rumo à taba.</i>	56
X —	<i>Os maracás.</i>	62
XI —	<i>O francês sem coração.</i>	66
XII —	<i>Antropofagia.</i>	72
XIII —	<i>Esperanças.</i>	77
XIV —	<i>A volta do francês.</i>	83
XV —	<i>Cenas de canibalismo.</i>	85
XVI —	<i>Aparece outro navio.</i>	89
XVII —	<i>O carijó doente.</i>	94
XVIII —	<i>O terceiro navio.</i>	97
XIX —	<i>A guerra.</i>	99
XX —	<i>Festas de canibais.</i>	103
XXI —	<i>Hans muda de taba.</i>	106
XXII —	<i>A salvação.</i>	111

330920

Prefacio da segunda edição

AS aventuras de Robinson Crusoe constituem talvez o mais popular livro do mundo. Da mesma categoria são estas de Hans Staden.

Se as de Robinson tiveram a divulgação conhecida, proveio de passarem ás mãos das crianças, em adaptações conforme a idade, e sempre remocadas no estilo, de acôrdo com os tempos. Com as de Staden tal não succedeu — e em consequencia foram esquecidas.

Quem lê hoje, ou pode ler, o livro de Defoe na fórma primitiva em que appareceu? Os eruditos. Tambem só os eruditos arrostam hoje a leitura do original das aventuras de Staden.

Traduzidas ambas, porém, em harmonia moderna, toante com o gosto do momento, emparelham-se em pitoresco, interesse humano e lição moral. Equivalem-se.

Anos atrás tivemos a idéia de extrair do quasi incompreensivel e indigesto original de Hans Staden esta versão para as crianças — e a acolhida que teve a primeira edição, bastante larga, leva-nos a dar a segunda. Trazia estas palavras á guisa de prefacio que ainda não são descabidas:

INESTIMAVEL o valor das memorias de Hans Staden, o aventureiro alemão que esteve prisioneiro dos tupinambás oito meses durante o ano de 1550. Representam o melhor documento daquela epoca quanto aos costumes e mentalidade dos indios. Em vista disso dona Benta não poderia deixar de contar a historia de Hans Staden aos seus queridos netos — como não poderão as outras avós e mães deixar de repeti-la aos seus netos e filhos. Para facilitar-lhes a tarefa damos a publico este apanhado, em linguagem bem simples, no qual seguimos fielmente a obra original.



I

QUEM ERA HANS STADEN

DONA BENTA sentou-se na sua velha cadeirinha de pernas serradas e principiou :

— Hans Staden era um moço natural de Homberg, pequena cidade do estado de Hesse, na Alemanha.

— De S? exclamou Pedrinho, dando uma risada. Que engraçado !

— Não atrapalhe, disse Narizinho. Assim como em S. Paulo ha a freguesia de Nossa Senhora do O', bem

pode haver o estado de S na Alemanha. Em que o O é melhor que o S?

— Não digam tolices, interrompeu dona Benta. Esse estado da Alemanha escreve-se em Português H, E, S, S, E, e diz-se Hessen em alemão. Nada tem que ver com a letra S.



Depois desta lição dona Benta continuou :

— O moço Staden tinha o temperamento aventureiro e não se contentava com o sossego da cidade natal. Queria ver mundo, viajar, cortar os mares, e insistia nisso por mais que seu pai lhe dissesse que “boa romaria faz quem em casa fica em paz”.

Um dia resolveu sair de Homberg.

— “Adeus, meu pai! Não nasci para arvore. Quero voar, conhecer mundo. Adeus!”

— “Pois vai, meu filho. Todos nós temos um destino na vida, e se o teu destino é viajar, que se cumpra”.

Hans partiu para a cidade de Bremen e de lá para a Holanda, onde, no porto de Campon, encontrou varias naus que se aprestavam com destino ao reino de Portugal. O moço embarcou em uma delas e chegou a Setubal depois de quatro semanas de travessia.

— Quatro semanas! exclamou Pedrinho. Que carroça!...

— Naquele tempo de navegação a vela as viagens dependiam dos ventos, sendo porisso incertas e demoradas. Fazia-se em meses o que hoje se faz em dias.

Hans esteve algum tempo em Setubal, com certeza provando o gostoso vinho moscatel que lá fabricam. Depois tomou o caminho de Lisboa. Sua tenção era seguir para as Indias numa das frotas que dali costumavam zarpar.

— Zarpar? interrompeu Pedrinho. Por que fala assim tão difficil hoje, vóvó?

— Não estou falando difficil, Pedrinho. Ha certas expressões que se chamam “tecnicas” e que vocês precisam ir aprendendo. Zarpar se diz quando um navio ou uma esquadra sai dum porto. E’ uma expressão tecnica, isto é, de sentido exato.

— Muito bem. Continue. Achou ele navio que o levasse para as Indias?

— Não teve sorte. Hans não encontrou nenhum navio com destino ás Indias. Em vista disso engajou-se como artilheiro num barco do capitão Penteado, que se destinava ao Brasil. Essa nau era mercante, mas ia armada de canhões, como se fosse navio de guerra, e levava

ordem do rei para atacar os barcos franceses encontrados pelo caminho.

— Por que isso, vóvó ?

— Portugal e França estavam em luta por causa das terras novas descobertas em 1500, e era no mar que justavam contas.

A França julgava-se com tanto direito de explorar essas terras como Portugal, mas tais terras pertenciam a Portugal e Espanha que haviam tomado posse delas antes dos outros. Terra naquele tempo era de quem primeiro a pegava.

Mas a França não concordava com isso e o seu rei nessa epoca, Francisco I, havia dito em certa ocasião :

— “Eu quero que me mostrem o testamento de Adão que repartiu o Novo Mundo entre o rei de Espanha e o rei de Portugal, pondo-me fóra da partilha”.

Era por esse motivo que os franceses e portugueses se atracavam no mar, embora não existisse guerra declarada entre as duas nações.

Mas a nau em que ia o nosso Staden partiu de Lisboa, seguida de outra menor, e foi ter á ilha da Madeira, onde já se produzia muito vinho e açúcar. Em Funchal, porto da ilha, a frota ancorou para receber viveres. Em seguida tomou o rumo das costas da Berberia.

— Berberia ou Barbaria, vóvó ? perguntou o menino. Não quer dizer terra dos barbaros ?

— Não, meu filho. Quer dizer terra dos berberes, nome generico dado aos habitantes do norte da Africa. Talvez a palavra berbere venha de barbaro. Os dicionarios têm duvidas a respeito.

Os navios foram ter ao porto de Arzila, cidade que os portugueses tinham tomado aos berberes e que depois perderam.

Por informação de pescadores espanhóis o capitão Penteado soubera que andavam por lá navios corsarios, em comercio com esses mouros, e tratou de dar-lhes caça.



De fato encontrou um, e imediatamente o atacou mas a tripulação do corsario teve tempo de tomar os botes e fugir para terra. Os portugueses apossaram-se do navio, encontrando nele grande quantidade de açúcar, amendoas, couro de cabrito, goma arabica e tamaras.

— Que gostoso! exclamou Pedrinho, lambendo os beiços. Ele gostava muito de tamara.

— Mas era direito isso, vóvó? indagou a menina.

— Ah, minha filha, a historia da humanidade é uma pirataria que não tem fim; o mais forte, sempre que pode,

depreda o mais fraco. Só quando a Justiça fôr uma realidade, em vez de ser um ideal, é que as coisas mudarão de rumo.

A nau vencedora levou a presa para a ilha da Madeira, donde o capitão mandou o navio menor a Lisboa, saber do rei o que devia fazer, visto como parte do carregamento pertencia a espanhois, com quem os portugueses não estavam em guerra.

— Foi o navio a Lisboa só para dar o recado? Imaginem!...

— Que remedio! Não havia outro meio; não era como hoje, que a radiotelegrafia põe os barcos em contacto instantaneo com a terra sempre que é preciso.

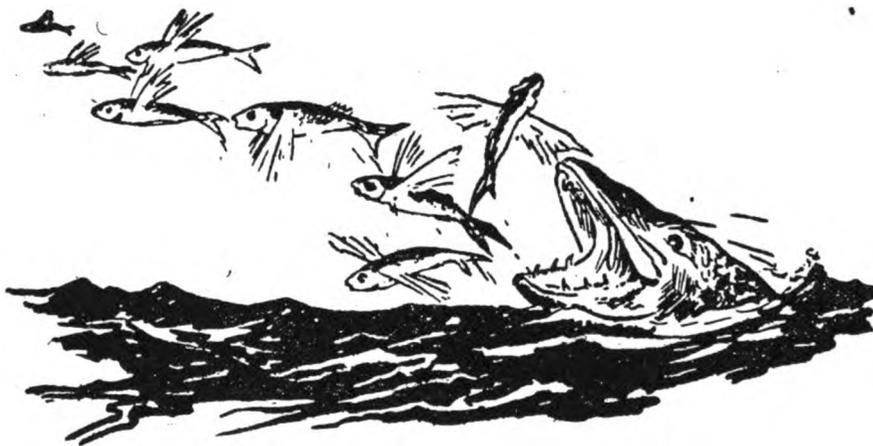
Expedido que foi o navio recadeiro a Lisboa, o capitão Penteado voltou para Arzila, na esperança de apanhar nova presa.

Esse calculo falhou. Sobreveio fortissima tempestade, que arrojou a nau a quatrocentas milhas dali, para os lados do Brasil.

— Quantos metros tem a milha, vóvó? indagou Pedrinho.

— A milha varia muito, de país para país. E' medida do tempo dos romanos, entre os quais valia mil passos. Mas como isso de passo cada povo o tem maior ou menor, conforme o comprimento das pernas, ha milhas de 1.069 metros, como a inglesa, e milhas de mais de 8.000 metros, como a hungara. Mas hoje está generalizada a milha maritima de 1.854 metros.

— E' uma danada, esta vóvó! Parece um livro aberto, disse o menino, entusiasmado com a ciencia da velha.



— Continue, vóvó, pediu Narizinho, mais interessada na navegação de Hans do que na elasticidade da milha.

Dona Benta continuou :

— A nau, em vista do avanço que o temporal lhe imprimira no rumo do Brasil, deixou em paz as costas da Berberia e seguiu viagem para as terras de Cabral (1).

Pelo caminho topou grande quantidade de peixes-voadores. Erguiam-se do mar em cardumes, para fugir á perseguição dos peixes maiores; voavam um bom pedaço e iam cair n'agua, muito longe dos seus inimigos. Às vezes voavam á noite e vinham dar de encontro ás velas e cordas dos navios; de manhã os marinheiros não necessitavam de pescar para o almoço : era só colhê-los no tombadilho. E assim os navios foram seguindo até alcançarem a linha do equinocio.

— Que é isso, vóvó ?

(1) O Brasil foi descoberto em 1500 pelo almirante português Pedro Alvares Cabral.

— E' o equador, meu filho. Já esqueceu a sua lição de cosmografia?

Chegados ao equador houve um periodo de calma, isto é, sem brisas, de modo que os navios ficaram parados sobre as ondas, com grande padecimento dos marinheiros, em vista do calor sufocante.

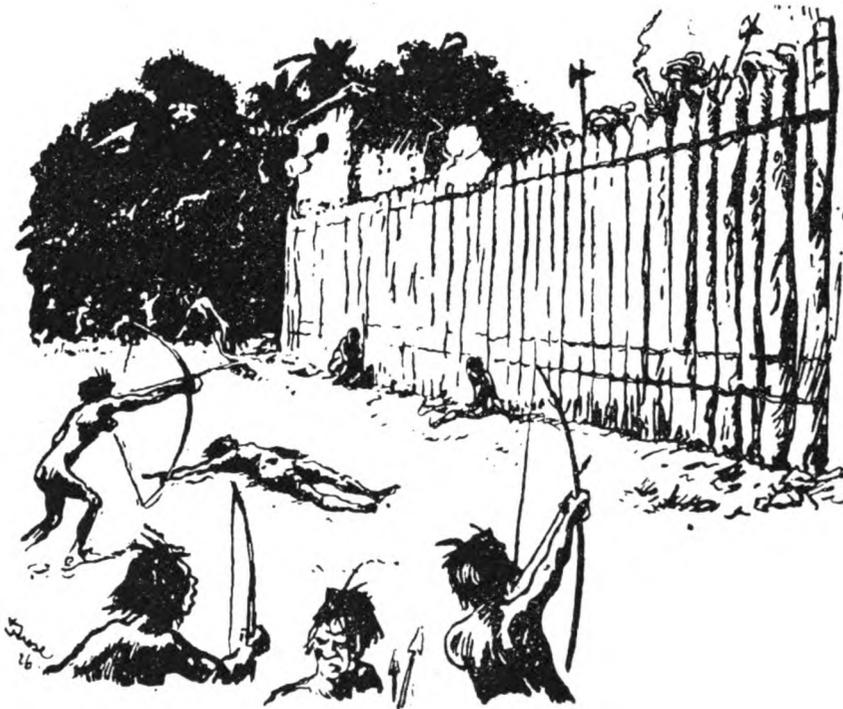
Às vezes trovejava e caíam chuvas violentas; mas a calmaria sobrevinha de novo, enchendo de pavor a pobre maruja, porque o prolongamento daquela situação poderia trazer a todos o mais triste dos fins.

Certa noite de chuva apareceram no costado dos navios muitas luzes mortas, coisa que Staden não tinha visto ainda. Onde batiam as vagas ficava a brilhar uma luz azul. Os marinheiros alegraram-se com o fenomeno, a que chamavam santelmo e diziam ser sinal de bom tempo.

Assim foi. Quando raiou o dia principiou a soprar um vento favoravel, que permitiu ás naus prosseguirem na viagem.

A 28 de janeiro (isso no ano de 1548) avistaram uma ponta de terra, que Hans soube ser o cabo de Santo Agostinho. Mais oito milhas de marcha e finalmente atingiram o porto de Olinda, depois de oitenta e oito dias de mar.

— Pare um pouco, vóvó, pediu a menina. Quero dar um pulo lá dentro para trazer a Emilia. A coitadinha gosta tanto de ouvir historias...



II

A REVOLTA DOS INDIOS

LOGO que a menina voltou, dona Benta prosseguiu :
— A colonia de Pernambuco era governada por Duarte Coelho, a quem o comandante Penteado foi logo apresentar-se. Duarte Coelho contou-lhe que estavam em má situação, em vista de se terem revoltado os selvagens daquela zona.

— Por que, vóvó ?

— Porque os colonos haviam capturado e escravizado alguns selvagens. A raça vermelha, ou india, nunca

suportou a escravidão. Preferia a morte, e se não fosse a ganancia dos brancos, quer portugueses, quer espanhóis, ganancia que os levou a insistir na escravização dos índios, não teria havido nas Americas os horrores que houve.

Duarte Coelho pediu ao capitão Penteado que o ajudasse naqueles apertos, indo com os seus homens garantir uma colonia de nome Iguarassú (1), naquele momento sitiada pelos índios. Essa colonia ficava a umas cinco milhas de Olinda.

O capitão reuniu em um bote quarenta marinheiros e mandou remar para Iguarassú, situada num braço de mar que avançava terra a dentro.

Lá encontraram noventa portugueses e uns trinta e tantos escravos, entre pretos e índios. Esta guarnição estava sitiada por selvagens avaliados em oito mil.

— Oito mil, vóvó? Que horror! disse Pedrinho. Um exercito!...

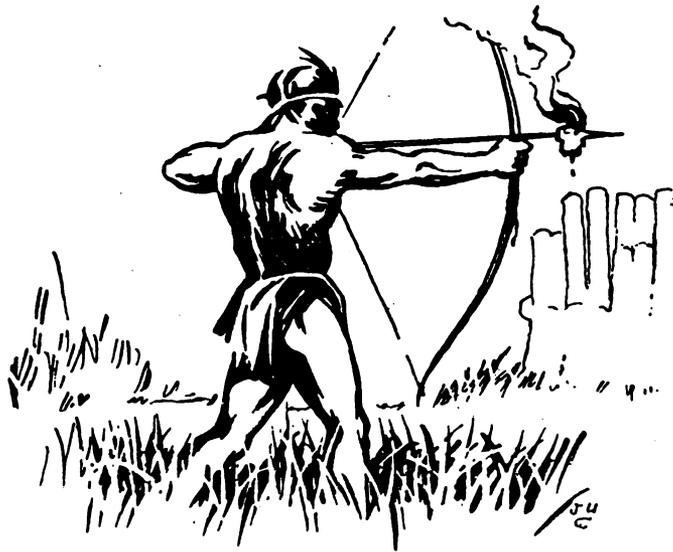
— “Avaliados” em oito mil, meu filho. As avaliações dos interessados sempre eram para mais. O compadre Teodoro, nosso vizinho, sempre avaliou o seu sitio em setenta alqueires. Veio o agrimensor, mediu e achou trinta...

A praça de Iguarassú era defendida apenas por uma estacada de madeira, que a fechava de todos os lados. Para além da estacada estendia-se a floresta, na qual os índios construíram dois redutos, feitos de grossos troncos; ao pé desses redutos abriram trincheiras, nas quais passavam o dia, só saindo para guerrilhar.

(1) Canoa Grande.

Os índios conheciam imperfeitamente o poder das armas de fogo, e sempre que os portugueses davam uma descarga deitavam-se, convencidos de que assim se livrariam das balas.

De todas as bandas havia índios, de modo que ninguém podia sair da estacada sem ser flechado. Além disso os sitiados atiravam as flechas para cima, calculando a curva de jeito que fossem cair verticalmente dentro da praça.



— Eu punha uma panela de cobre na cabeça e queria ver! disse Pedrinho, com cara de quem descobriu a pólvora.

— Também usavam, continuou dona Benta, flechas incendiárias, preparadas com algodão embebido em cêra.

Acendiam-nas e lançavam-nas contra os tetos das casas. E tanta certeza tinham de vencer aos portugueses,

que já combinavam o modo de os devorar a todos, numa grande festa.

O sitio ia-se prolongando e as provisões começavam a escassear. Havia mandiocais junto á estacada, mas era impossivel chegar até eles. Em vista disso o capitão de Iguarassú ordenou que os quarenta marinheiros saíssem em dois barcos e fossem até á colonia de Itamaracá (1), afim de trazer mantimentos.

Os quarenta marinheiros partiram sem demora, encontrando o braço de mar atravancado de grandes arvores, derrubadas pelos indios. Com muito jeito, entretanto, conseguiram passar.

Vendo que a tranqueira tinha sido inutil para tomalhes o passo, os selvagens procuraram asfixiá-los com a fumaça de grandes fogueiras, erguidas nas margens, nas quais lançavam pimenta.

— E esta, vóvó! acudiu Pedrinho. Então já conheciam os indios o uso dos gases asfixiantes?

— E' para ver, meu filho, que não ha nada novo sob o sol. Mas essa fumaça de pimenta pouco adiantou: fez arder os olhos dos marinheiros mas não os impediu que, com o auxilio da maré, passassem além e alcançassem Itamaracá.

Nessa colonia encontraram as provisões requeridas: encheram os botes e regressaram.

Quando iam chegando a Iguarassú viram que os selvagens não tinham desanimado de lhes atrapalhar a expedição. Haviam lançado á agua novos troncos; além

(1) — Pedra de Maracá.

disso, cortaram rente ao chão duas arvores muito altas, que cresciam á beirinha d'agua, mantendo-as de pé por meio de cipós, cujas pontas iam ter aos seus redutos. A intenção dos indios era deixar caírem as arvores no momento em que os barcos passassem ao alcance delas.



Os marinheiros, porém, foram felizes e conseguiram escapar da armadilha. Uma das arvores tombou um pouco atrás de um dos barcos, e a outra, talvez empurrada pelo vento, caiu do lado da terra.

Restava a tranqueira da paulama derrubada na agua, a qual oferecia um serio embaraço. Vendo a situação difficil, os marinheiros pediram em altos brados o ajutorio dos da praça. Mas os indios ergueram um tal berreiro que os sons se misturaram no ar e não foi possivel ouvir-se em Iguarassú o pedido de socorro.

Apesar disso, como esses quarenta homens fossem dos mais esforçados, mesmo sem auxilio estranho puderam romper os tropeços e penetrar com as provisões em Iguarassú.

Este fato valeu a vitoria para os portuguezes. Os sitiados desanimaram de vencê-los e propuseram uma paz que foi logo aceita, retirando-se em seguida para as suas tabas.



O cerco de Iguarassú havia durado um mês.

Nada mais tinham que fazer ali os marinheiros de Penteadó. Regressaram, pois, a Olinda, onde receberam muitos agradecimentos do governador. E como já os navios estivessem carregados, desfraldaram as velas e partiram.

— Coitada da Emilia! exclamou Narizinho, beijando a boneca. Está com cara de quem não entendeu coisa nenhuma, esta bôba...

III

A VOLTA PARA LISBOA

SAINDO do porto de Olinda, que os indigenas chamavam Marim (1), as naus velejaram quarenta milhas ao norte, em demanda da terra dos potiguaras.

— Que terra era essa, vóvó?

— Essa terra corresponde hoje ao estado da Paraíba. Havia lá muito pau-brasil, madeira com que os indios comerciavam.

— Um parentesis, vóvó, disse Pedrinho. Por que motivo naquele tempo lidavam tanto com o pau-brasil e hoje não se fala mais nele? Será que lhe acabaram com a casta?

— Não, Pedrinho. O que se deu foi que o carvão de pedra derrotou o pau-brasil.

Pedrinho arregalou os olhos.

— Naquele tempo extraía-se dessa madeira uma substancia colorante, empregada na tinturaria, como tambem se extraía o carmin dum inseto chamado cochonilha. Com os progressos da quimica, porém, a industria descobriu meios de tirar do carvão de pedra as anilinas, isto é, as mães de todas as côres possiveis e imaginaveis. E como isto ficasse mais barato, desapareceu a industria do pau-brasil, da cochonilha, da garanca, do anil e de quanto vegetal era cultivado com fins de tinturaria.

(1) Povoado.

— Onde aprendeu tanta coisa, vóvó? interrogou Narzinho.

— Lendo e vivendo, minha filha. Mas o que sei é nada; parece alguma coisa para vocês, crianças que quase nada sabem; mas diante do que sabe um verdadeiro sabio, como aquele Darwin da “Viagem ao redor do mundo”, que eu quero que vocês leiam, minha ciencia é igual a zero.



Mas voltemos á nossa historia. Ao aproximar-se desse porto, o navio do capitão Penteado encontrou um navio francês. De acordo com as ordens de El-Rei atacou-o sem demora, na esperança de o apresar. O tal navio, porém, não era de brincadeiras. Espetou-lhe uma bala de canhão no mastro grande, destruindo-o e matando varios homens. Em seguida afastou-se. O navio português não esperava por aquela resposta. Tonteou e... passe muito bem, sou um seu criado.

Para cumulo de má sorte sobreveio a calmaria e não foi possivel entrar no porto. Em vista do contratempo o capitão desistiu do pau-brasil e deliberou regressar ao reino.

Volta pessima. Como não tinham podido tomar provisões na Paraíba, o mantimento veio a escassear, e de tal fórma que passaram fome, sendo obrigados a comer um carregamento de couro de cabrito que traziam a bordo. Cada tripulante recebia apenas a ração diaria de um copo d'agua e um punhado de farinha. Esse horror durou cento e oito dias, até que alcançaram as ilhas dos Açores, também pertencentes ao rei de Portugal.

Certo dia, em que estavam á pesca, viram ao longe um navio suspeito. Incontinenti dirigiram-se para ele, afim de verificar se era amigo ou inimigo. Era inimigo e os portuguezes voaram-lhe em cima.

Como o navio não se achasse em condições de resistir, os seus tripulantes fugiram todos para terra. Penteadado apossou-se do barco sem luta, e fez otimo negocio, tanta farinha e vinho encontrou nos porões.

Foi um regalo. Os vencedores tiraram a barriga da miseria, comendo e bebendo pelo resto do ano.

— Que boa vida! exclamou o menino. Bem diz vóvó que a historia da humanidade é uma pirataria sem fim...

— Infelizmente é verdade, meu filho. Com este ou aquele disfarce de pretexto, o mais forte tem sempre razão e vai pilhando o mais fraco.

— E' a fabula do lobo e do cordeiro... lembrou a menina.

— Qual, cordeiro! protestou Pedrinho. E' a fabula do lobo forte e do lobo fraco.

— Bem pensado! disse dona Benta. Essa fabula não foi escrita por Esopo, nem La Fontaine, mas devia ser a

fabula numero um, porque é a que tem mais frequente aplicação na vida.

Feitas estas considerações, dona Benta prosseguiu:

— Depois de refeitos dos padecimentos da viagem, os portugueses velejaram para a ilha Terceira, em cujo porto se reuniram a numerosos navios que vinham chegando do Novo Mundo, uns com destino á Espanha, outros, a Portugal. E foi fazendo parte de um comboio de cem naus que o barco de Penteado alcançou Lisboa, depois de dezesseis meses de mar.

Em Lisboa Staden descansou uns tempos, o necessario para esquecer os horrores da primeira viagem e sentir desejos de empreender segunda.

Já conhecedor da terra descoberta pelos portugueses, quis conhecer tambem os dominios dos espanhois na America. O Rio da Prata e o Perú deslumbravam todas as imaginações com a historia das suas riquezas. O sonho



dos aventureiros consistia em virem juntar ouro do chão, enchendo grandes sacos que os enriquecessem para o resto da vida.

— Mas era assim mesmo, vóvó ?

— Era. Nas jazidas á flor da terra e no cascalho de certos rios o ouro realmente abundava de maneira maravilhosa, e o que os portuguezes e espanhois tiraram da America não tem conta. Foram milhares e milhares de arrobas !

— Por que, então, não se tornaram esses países os mais ricos do mundo ? perguntou Pedrinho.

— Porque não souberam guardá-lo, respondeu dona Benta. Não basta ganhar, é preciso conservar, coisa muito mais difficil. Todo o ouro que Portugal tirou do Brasil foi se passando aos poucos para os países industriosos, sobretudo para a Inglaterra, em troca dos produtos das suas fabricas. Quando os portuguezes abriram os olhos, era tarde, o ouro do Brasil estava todo em mãos de gente mais esperta.

IV

A SEGUNDA VIAGEM

O NOSSO Hans Staden foi para Sevilha e lá encontrou uma frota de tres navios comandados por D. Diogo de Senabria, que fôra nomeado pelo rei da Espanha governador do Rio da Prata. Hans engajou-se a bordo de um dos navios e partiu em 1549, no quarto dia depois da Pascoa.

Logo no começo tiveram ventos contrarios, sendo os navios obrigados a procurar abrigo no porto de Lisboa. Quando o vento virou de feição partiram de novo e velejaram para as Canarias, deitando ancora na ilha da Palma. Ali tomaram provisões e combinaram reunir-se no grau 28 a Sul do equinocio, caso durante a travessia alguma tempestade os dispersasse. A nau que lá chegasse primeiro interromperia a sua derrota e esperaria as demais.

— Derrota? exclamou Pedrinho.

— Sim, derrota, afirmou dona Benta. Derrota não é só o que você sabe; é também o rumo, a direção que um navio leva quando singra os mares.

Feita a combinação, partiram e velejaram até Cabo Verde, já na Africa, onde quasi foram ao fundo. Depois, sempre com maus ventos, tocaram algumas vezes nas costas africanas e alcançaram a ilha de São Tomé, pertencente ao rei de Portugal. Em seguida velejaram de novo, não tardando que uma furiosa tempestade dispersasse a pequena esquadra.

— Que azar! exclamou Pedrinho. Era preciso muita coragem para ser navegante naqueles tempos.

— Pura verdade, meu filho. A navegação a vela foi uma epopéia.

— Que é epopéia, vóvó? perguntou a menina.

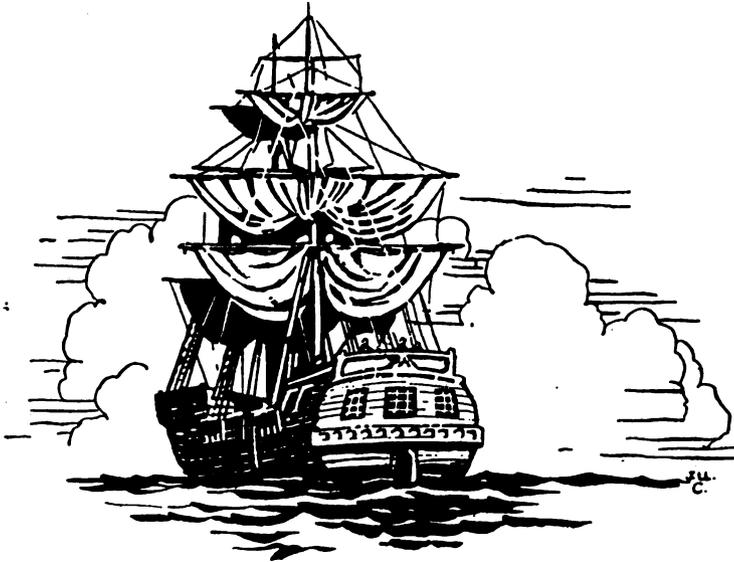
— Eu sei! exclamou o menino. Epopéia é, por exemplo, “Os Lusíadas”, de Camões, não é, vóvó?

— Não é, meu filho. Dar exemplo não é definir. Epopéia quer dizer poema em que o poeta canta uma grande empresa heroica, uma alta façanha. “Os Lusíadas”

das” são uma epopéia; mas a epopéia não é, por exemplo, “Os Lusíadas” . . .

— Mas então, vóvó, disse Narizinho, navegação é epopéia? é algum poema?

— Sim. E’ um poema não escrito, porque está acima das forças de um só poeta cantar a série infinita de dramas, heroísmos, abnegações e sacrifícios que enchem os anais da navegação.



— Entendi, vóvó, disse Pedrinho; pode continuar.

Dona Benta prosseguiu :

— A tempestade dispersou as tres naus, sendo a em que ia nosso Hans arrojada para a zona das calmarias.

Tres meses ficou parada em pleno oceano!

O vento só reapareceu em setembro, e só então pôde ela prosseguir na sua . . . na sua que, Pedrinho?

— Derrota! respondeu de pronto o menino.

— Isso mesmo, disse a vóvó. Vejo que a lição não foi perdida. E prosseguiu sem incidentes na sua derrota até que um dia, a 18 de novembro, o piloto verificou a altura do sol e viu que estavam a 28 graus de latitude.

— Como é que se verifica a altura do sol? perguntou Pedrinho.

— Com um instrumento chamado sextante, que nos permite calcular a longitude e a latitude, de modo a sabermos em que ponto do globo nos achamos.

— Fiquei na mesma, disse Narizinho; mas continue, vóvó.

— Pois é isso, minha filha, eles verificaram que o navio estava no ponto marcado para a reunião e trataram de procurar, na terra mais proxima, abrigo seguro onde pudessem aguardar a chegada dos companheiros. Velejaram então para Oeste, sem sair do grau 28, até que avistaram terra. Como, porém, não houvesse a bordo nenhum piloto conhecedor da zona, e como não é de bom conselho entrar em porto desconhecido, o navio ficou a cruzar em frente da costa.

— Cruzar?!... repetiu Pedrinho.

— Sim, meu filho. Quer dizer, em nautica, bordejar, ir e vir, não se afastar muito de um certo ponto.

Mas estava o navio a bordejar em frente da terra desconhecida, quando rompe fortissima tempestade. O perigo torna-se enorme. Perto como se achava da costa, podia o vento arrojar o navio de encontro ás pedras e fazê-lo em cavacos.

O capitão cuidou logo de precaver-se contra esse possivel desastre. Mandou encher varios barris com pol-

vora, armas e mais objetos, calafetá-los cuidadosamente e amarrá-los uns nos outros.

— Para que, vóvó ?

— Muito simples. Em caso de desastre o mar levaria á praia, com os destroços do barco, aquela penca de barris, onde os naufragos encontrariam o que ha de mais precioso para quem se vê arrojado pelo destino ao seio de uma terra selvagem : armas de fogo e polvora.



A tempestade cresceu de vulto; o barco não pôde resistir e foi arrastado a um ponto da costa cheio de recifes submersos. Não vendo salvação, o comandante mandou aproar para terra. Essa manobra viria favorecer o impulso dos ventos e permitir que a nau encalhasse. Iam-se os aneis mas ficavam os dedos.

Assim foi feito. O barco voou para a costa como um corpo que caísse em direção horizontal. Quando, porém, se aproximava dos arrecifes, apareceu ao lado um porto,

a tempo ainda de permitir a manobra do leme. Em virtude disso, em vez de ir para cima das pedras, o barco foi ancorar numa angra abrigada e segura.

— Que sorte ! exclamou Narizinho.

— Foi sorte, não ha duvida, e é facil imaginar a alegria desses homens, salvos no momento em que o desastre parecia inevitavel. Lançada a ancora, agradeceram a Deus o precioso socorro que lhes enviara. Em seguida trataram de descansar e enxugar as roupas encharcadas.

Isso foi pelas duas horas da tarde.

Não demorou muito surgiu uma canoa de indios com mostras de lhes quererem falar.

Os espanhois responderam que se aproximassem.

A canoa encostou ao barco, havendo falatorio de baixo para cima e de cima para baixo, sem que, entretanto, ninguem se entendesse. Para não desconsolar os indios, os espanhois os presentearam com machados e facas, coisa que muito os alegrou.

A' noite apareceu outra canoa de indios, desta vez com dois portugueses dentro. Estes homens mostraram-se muito admirados de ver o navio naquele porto. Era uma angra de difficilima entrada, sobretudo em dia de temporal.

Os espanhois narraram as suas tribulações e a maneira milagrosa pela qual vieram ter á angra no instante preciso em que esperavam a morte.

Chamava-se aquele lugar Superagui (1) e ficava distante dezoito leguas de S. Vicente e oito de Santa Catarina, para onde os espanhois pretendiam seguir.

(1) Nome de uma lingua de terra ao norte de Paranaguá.

Nesse ponto Narizinho interrompeu a narrativa, exclamando :

— Pare, vóvó. Preciso ir ver o que o Rabicó anda fazendo lá no pomar.

E saiu a correr.

v

RECONHECIMENTO DA TERRA

QUANDO a menina voltou, doha Benta prosseguiu pausadamente :

— Depois de alguma espera, começou a soprar bom vento. O navio deixou a angra, afim de procurar o porto de Santa Catarina. Velejou para lá, mas o dia estava tão encoberto que não foi possível encontrar esse porto.

Na manhã seguinte, enquanto os marinheiros rezavam a primeira oração do dia, formou-se uma tempestade. A escuridão ficou de breu. O piloto não sabia o que fazer, atrapalhado como se achava com as muitas ilhas ali existentes. Afinal enveredou ao acaso por detrás duma delas afim de abrigar o navio. Foi feliz. Deu num porto excelente no qual pôde lançar ancora.

Em seguida os marinheiros tomaram um bote e saíram a fazer um reconhecimento.

Subiram por um canal, inspecionando as margens, a ver se descobriam alguma fumaça, indicio certo de humanidade.

Como a noite estivesse chegando, o capitão resolveu desembarcar numa ilhotã proxima. Os marinheiros fizeram fogo para o jantar, que se compôs de palmitos cortados ali mesmo. Depois dormiram sossegados.



No outro dia pela manhã meteram-se pela terra a dentro. Estavam convencidos de que o lugar era habitado e tinham esperanças de encontrar algum morador. Logo adiante lhes apareceu uma grande cruz de madeira, fincada num monte de pedras. Ao pé dessa cruz havia um fundo de barril com a seguinte incrição: “Se viesse por ventura aqui la armada de su majestad, tiren um tiro que haran recado”, o que quer dizer : Se por acaso aqui vierem os navios de sua majestade, que dêem um tiro que terão resposta.

A decifração muito alegrou aos marinheiros, e o comandante mandou disparar um tiro de peça.

— Então, vóvó, disse Pedrinho, traziam os botes peças de artilharia ?

— Peças pequenas, meu filho, chamadas falconetes, feitas de bronze e de pequeno alcance. A artilharia naquele tempo não dava idéia dos canhões modernos, verdadeiros monstros de aço. Dispararam a peça e daí a algum tempo viram aparecer cinco canoas de selvagens. Os do bote ficaram na duvida se esses indios vinham como amigos ou inimigos. Mas á medida que as canoas se aproximavam puderam divisar entre os remadores um homem barbado, vestido á européia, com certeza um cristão. Os do bote gritaram-lhe que fizesse parar as canoas e viesse sozinho.

O barbaças obedeceu; fez parar as canoas e veio sozinho. Chamava-se esse homem João Ferdinando, era natural de Bilbau e fora mandado de Assunção a Santa Catarina justamente pelo capitão Salazar, que agora voltava da Espanha comandando um dos navios desgarrados.

— Viera a Santa Catarina para que ?

— Para aconselhar os indios carijós dessa região a plantarem muita mandioca. Os navios espanhois, destinados ao Rio da Prata, costumavam aportar ali para receber agua — e se tambem pudessem receber farinha seria ouro sobre azul.

Disse mais o barbaças que o sitio onde estavam era pelos indios chamados Jurumirim (1), e pelos portugueses,

(1) Barra pequena.

Santa Catarina. Esta noticia grandemente alegrou os espanhóis, por ser aquele o porto que demandavam. Por curiosa coincidência, haviam penetrado nele justamente no dia de Santa Catarina.

Os do bote acompanharam o barbaças até á aldeia de selvagens em que ele morava e onde foram muito bem recebidos.

Sentindo-se em terra hospitaleira, o capitão pediu ao barbaças que lhe arranjasse uma canoa de bons remadores, capaz de levar ao navio um mensageiro.

O mensageiro escolhido foi Hans Staden. Logo depois, quando aquela canoa misteriosa se avistou com o navio, houve a bordo grande alvoroço. Os tripulantes puseram-se em defesa, perguntando a Staden por que motivo vinha ele só no meio de tantos indios.

Hans calou-se e fingiu tristeza.

Aquela attitude embaraçou inda mais os do navio, que se puseram a murmurar que com certeza os tripulantes do bote haviam sido mortos e vinham os selvagens com o unico restante para armar-lhe alguma cilada. Firmaram-se nisso e fizeram menção de atirar contra a canoa.

Vendo mal parada a situação, Hans Staden principiou a rir-se e gritou-lhes de longe todas as boas noticias. Só então permitiram que a canoa abordasse o navio.

Hans subiu, mandou que os indios regressassem e deu as ordens do capitão. O navio levantou ferro e desceu pelo canal até ao sitio das cabanas, onde fundeou, com a ideia de permanecer ali até que chegassem as duas outras naus desgarradas.

Tres semanas depois apareceu o segundo navio da frota. Do terceiro nunca houve noticia; naufragou em alto mar, com certeza.

Depois de abastecerem-se de viveres para seis meses, visto terem de velejar ainda umas trezentas milhas, os dois navios aparelharam para seguir.

O azar que atrozmente perseguia esses navegadores manifestou-se mais uma vez. Ali mesmo, no porto, ocorreu um desastre, do qual resultou perder-se justamente o navio melhor.



Isso impediu o prosseguimento da viagem e forçou-os a ficarem naquele ponto durante dois anos, padecendo toda a sorte de privações. Enquanto possuíam anzóis, facas e machados para trocar com os indios, a vida não lhes foi de todo má. Acabada, porém, a provisão desses objetos, tiveram de contentar-se com o que podiam apanhar com as suas próprias mãos, e foram obrigados a comer quanto bicho havia — lagartos, ratazanas, mariscos das pedras.

Essa situação não podia prolongar-se por mais tempo e, como a tripulação dos dois navios não coubesse num só, o capitão deliberou que metade dos homens seguisse por terra para Assunção. Tinham que caminhar trezentas milhas através de florestas e desertos desconhecidos. Felizmente conseguiram levar alguns índios como guias e puderam alcançar Assunção, depois de grandes padecimentos. Muitos sucumbiram no caminho.

O capitão lembrou-se de ir com o navio restante até S. Vicente, onde talvez pudesse fretar um em melhor estado. A bordo havia certo marinheiro de nome Romão, que já estivera em S. Vicente e se obrigou a guiá-los até lá.

Partiram, e após dois dias de viagem alcançaram a ilha das Alcatrazes, assim chamada por causa das aves marinhas que ali se reuniam em grandes quantidades.

Nesse ponto o vento mudou, impondo a necessidade de fundear. O navio lançou ancora e a tripulação desembarcou na ilha.

Andavam as alcatrazes em tempo de postura, de modo que foi possível fazer-se abundante colheita de aves e ovos, petisqueira muito bem recebida por estômagos saudosos de gulodices.

Nessa ilha encontraram sinais de moradores — cabanas em ruína e cacos de panela. Não viram, entretanto, viva alma.

— Vóvó, interrompeu Pedrinho, é hora de botar a moringa no sereno.

— E é hora também de recolher-nos, acrescentou dona Benta; vamos deixar o resto para amanhã.

VI

O NAUFRAGIO

N^O outro dia, á tarde, sob a copa da jaboticabeira carregada de jaboticabas “pintando”, dona Benta retomou o fio da narrativa :

— Os marinheiros jantaram fidalgamente aves e ovos, preparados de todo o jeito. Mas a vida do mar não dá repouso. O ceu enegreceu ao sul e o vento ganhou corpo. O ponto onde a nau fundeara não oferecia abrigo; qualquer vento teria força para arremessá-la de encontro ás pedras.

Para prevenir essa hipotese, o capitão tratou de alcançar naquele dia mesmo o porto de Cananéia (1).

Era tarde. A escuridão que envolvia a terra impediu-o de atinar com a entrada desse porto, e como ficar bordejando rente á costa fosse perigoso, o navio fez-se ao largo.

— Então vóvó, em mar alto não ha perigo? perguntou o menino.

— Em mar alto não existem recifes á flor dagua, de modo que o navio se deixa livremente arrastar pelos ventos e pelas correntes marinhas. O grande inimigo dos barcos é a pedra, sobretudo a pedra invisivel, que não emerge á flor dagua.

(1) Derivado de canindé, arara.

— Emerge ou imerge, vóvó?

— São coisas diferentes. Imergir é afundar, mergulhar; emergir é o contrario, desmergulhar.

Mas, como ia dizendo, o navio fez-se ao largo e durante a noite foi arrastado para tão longe que ao romper da manhã já não se avistava terra.

Foi preciso que velejassem um bom espaço de tempo para terem de novo costa á vista.

Romão, o homem que conhecia S. Vicente, indicou certo ponto como sendo o porto procurado.



O navio rumou para lá; mas inutilmente, porque sobreveio forte cerração e a costa desapareceu dentro da neblina.

Tiveram que esperar. Quando a bruma se desfez, Romão declarou que o porto ficava bem defronte, bastando, para atingi-lo, dobrar o rochedo; assim foi feito, mas não encontraram porto nenhum, de modo que a situação se tornou desastrosa. A tempestade desencadeou-se, não ha-

via remedio senão lançar o navio sobre a terra, para encalhá-lo antes que as ondas o desfizessem nas pedras.

Momento tragico! Vagalhões furiosos despedaçavam-se de encontro ás rochas, rugindo e estrondeando, como se fossem monstruosos gigantes a escabujar em horrendos ataques epilepticos.

Por cima dele os ventos, tomados de verdadeiro acesso de loucura, uivavam, aos corcovos e rodopios.

Imaginem agora vocês a situação do pobre navio metido entre esses dois furores. Casca de noz, cheia de formiguinhas transidas de medo e agarradas ás cordas por instinto de conservação, ora as vagas o erguiam em seu dorso, como o vento ergue a pluma, ora o despenhavam em abismos mais negros que a noite.

Subito, um baque — e o navio do capitão espanhol desfez-se como bolha de sabão ao dar na ponta dum alfinete...

— Bravos, vóvó! A senhora está épica! disse Pedrinho.

Dona Benta riu-se e continuou:

— Os naufragos lançaram-se ao mar, uns a nado, outros unidos como ostras aos destroços da embarcação — e ganharam a terra. Estavam salvos!...

Nesses transes horriveis salvar a vida é tudo, de modo que caíram de joelhos para render graças á misericordia divina.

E ali ficaram, naquela praia deserta de um país desconhecido, em penuria extrema, enregelados pelo vento e empapados d'agua como esponjas na chuva.



Havia entre eles um francês que, ao sentir-se entanguir, deu de correr ao longo da praia, afim de esquentar o corpo. Correu, correu por longo tempo. Subito avistou ao longe umas casas. Dirigindo-se para lá teve a sorte de ver que por acaso déra num estabelecimento português, chamado Itanhaen, a varias milhas de S. Vicente.

Contou aos moradores a desgraça que os acolhera e o frio e a fome que na praia deserta estavam padecendo os seus companheiros.

Os de Itanhaen imediatamente foram ter com os naufragos e os trouxeram para suas casas, onde lhes forneceram roupas e alimentos.

Nessa aldeia permaneceram uns dias, ganhando alento e refazendo as forças; depois seguiram para S. Vicente, onde foi possível ao capitão espanhol fretar o novo barco que os levou ao Rio da Prata.

VII

O FORTE DE BERTIOGA

HANS STADEN ficou em S. Vicente, colonia portuguesa situada numa ilha muito proxima do continente e que contava dois povoados: o de São Vicente, chamado pelos indios Ipanema (1), e outro de nome Enguaguassú (2). Havia ainda pela ilha varios engenhos de açúcar.

Os indios dessa região eram os tupiniquins, cujos dominios limitavam ao sul com a terra dos carijós, e ao norte com a dos tupinambás, tribus inimigas entre si.

Os tupinambás odiavam aos portugueses por se terem aliado aos tupiniquins, e como a cinco milhas de S. Vicente ficasse a Bertioga (3), onde havia um canal de facil entrada ás suas canoas, um grupo de irmãos mamelucos, lá residentes, tratou de erguer ali um forte. Era o meio de proteger contra as incursões desses indios as lavouras que começavam a formar-se nos arredores.

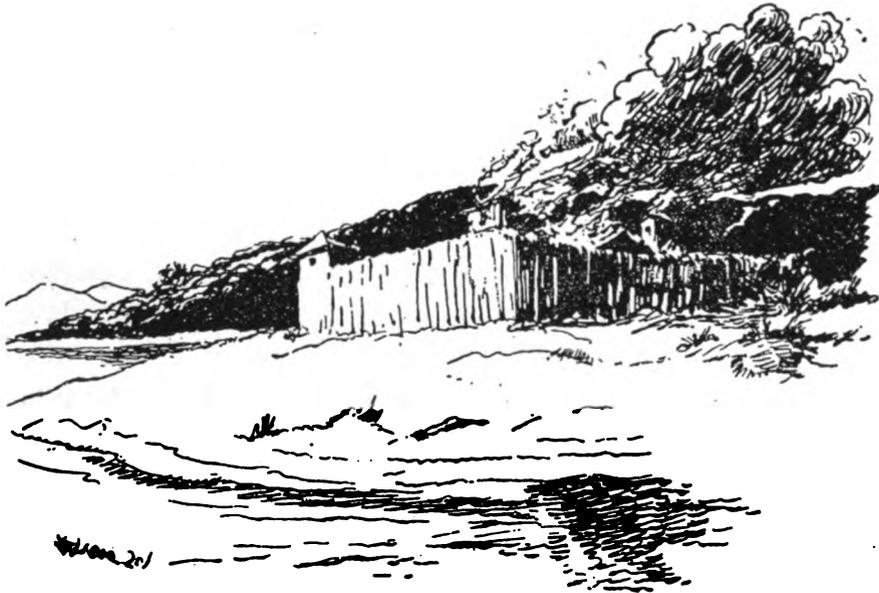
— Que é mameluco?

— Chamavam-se mamelucos os nascidos no Brasil filhos de pai branco e mãe india. Esses irmãos eram Diogo João, Domingos, Francisco e André Braga, filhos de um tal Diogo Braga.

(1) Ilha ruim.

(2) Pilão grande.

(3) Lugar de tainhas.



Com o auxilio de alguns portugueses e varios indios eles ergueram á entrada do canal um fortim, construíram casas e principiaram a cultivar as terras da Bertioga.

Logo que os tupinambás souberam disso prepararam uma expedição contra esses colonos, e certa noite surgiram no canal em setenta canoas.

O ataque deu-se pela madrugada. Os mamelucos e portugueses entrincheiraram-se nas casas e resistiram heroicamente. Mas foram vencidos, embora pudessem milagrosamente fugir. O mesmo não aconteceu com os tupiniquins que viviam com os irmãos mamelucos, os quais foram mortos, divididos em postas e assim conduzidos para a terra tupinambá. Quanto ao forte, os indios puseram-lhe fogo e fizeram-no arder como grande fogueira.

— Conduzidos em postas? interrogou Narizinho. Para serem enterrados lá?

— Não, minha filha: para serem comidos...

— Que horror! exclamou a menina, fazendo uma careta de asco.

— Os tupinambás eram grandes apreciadores da carne humana, como vocês vão ver no decurso desta historia.

Depois do desastre, as autoridades e o povo de S. Vicente tomaram a peito reconstruir o forte, convencidos da sua necessidade para a defesa local, e ergueram no mesmo ponto um outro, maior e mais bem armado.

Logo depois os tupinambás, vendo que seria difficil passarem ao alcance desse novo forte, ladearam a Bertoga e caíram de improviso sobre S. Vicente, matando e aprisionando muitos moradores. Em vista disso os vicentinos cuidaram de erguer segundo forte em ponto que impedisse nova incursão daqueles terriveis inimigos.

Quando Hans Staden chegou a S. Vicente essa fortaleza estava com a construção interrompida em virtude de não existir por ali nenhum artilheiro que se arriscasse a morar nela.

Hans era artilheiro e corajoso. Os vicentinos propuseram-lhe o negocio: davam-lhe companheiros e boa paga, além de que ele ganharia a estima de El-Rei, sempre generoso com os que prestavam serviço ás suas colonias.

Hans aceitou a proposta, contratando-se por quatro meses.

Foi para lá com mais tres companheiros, aos quais ensinou o modo de lidar com as poucas peças existentes.



Viviam muito vigilantes, porque além do forte não ser seguro o inimigo era audaz e manhoso.

Nesse entretempo os vicentinos escreveram a El-Rei, contando como era boa e bonita a terra onde moravam, prejudicada apenas pelo mal que aos seus moradores faziam os índios. E o rei mandou, para acudir-los, o coronel Tomé de Souza.

— Já havia coroneis naquele tempo, hein, vóvó! filosofou Pedrinho.

— Sim, meu filho, mas em menor numero que hoje — e melhores, como esse Tomé de Souza, que foi um benemerito.

Logo que este oficial chegou, os vicentinos lhe falaram com muitos elogios dos serviços de Hans Staden, da sua coragem e dedicação.

Tomé de Souza foi examinar o forte, louvou o intrepido artilheiro e prometeu recomendá-lo ao rei quando regressasse ao reino. E como estivesse a terminar o prazo dos quatro meses, Tomé de Souza propôs-lhe novo contrato por mais dois anos, findos os quais o reenviaria a Portugal pelo primeiro navio.

Hans aceitou e continuou no forte, já agora melhorado e aumentado de mais alguns canhões.

A vigilancia ali não cochilava, mas era maior em duas épocas do ano. Uma em novembro, quando amadurecia o abati, com o qual os selvagens preparavam o cauim.

— Abati? exclamou Pedrinho. Pensei que o cauim fosse feito de milho.

— Abati, respondeu dona Benta, era o nome dado pelos selvagens ao milho. De modo que você não pensou errado, meu filho.

— E cauim, que é, vóvó? perguntou a menina.

— Era a bebida fermentada dos nossos indios. Cada povo possui a sua bebida nacional e os nossos indigenas não podiam fazer exceção á regra. Preparavam o cauim de um modo interessante: as mulheres mascavam o milho, lançando-o com a saliva em grandes vasilhas, onde ficava a fermentar.

— Modo interessante, diz vóvó? exclamou a menina com ar de nojo. Que porcaria!

— Para nós, explicou dona Benta; para nós, que temos outra cultura e modos de ver diferentes. Se você fosse uma indiazinha daqueles tempos havia de achar a coisa mais natural do mundo, e não deixaria de comparecer a todas as mascações de abati.

A outra época de vigilância era em agosto, tempo em que as tainhas afluem á foz dos rios para a desova. Como esse peixe constituísse alimento muito precioso para os índios, não só pela abundância, como porque de fácil e longa conservação, em agosto as tribus desciam do interior afim de pescá-lo. Faziam da tainha uma pas-soca a que chamavam piracuí.



— “Pira” eu sei que é peixe, disse Pedrinho : Piracicaba, pirajuí, piracema, pirarucú...

— Isso mesmo, aprovou dona Benta; e “cui” significa farinha.

— Por que não falamos nós no Brasil a lingua dos índios, em vez da portuguesa? Não era a lingua natural do país?

— Quando numa região se chocam dois povos, como aqui, vence a lingua do mais forte. Os portugueses suplantaram os índios; era natural que predominasse a lingua portuguesa sobre a tupi. Mas a lingua brasileira, a que

familiarmente falamos e que serve sobretudo as populações do interior do Brasil, é uma verdadeira mistura de portugêes e tupi; tres quartos de portugêes para um de tupi.

— E' verdade, vóvó, que a nossa lingua é a mais bonita e rica de todas ?

— E' sim, minha filha, para nós; para os ingleses é a inglesa; para os franceses é a francesa, e assim por diante. Para os indios a mais bela está claro que seria a tupi.

— Que pena ser assim ! exclamou Narizinho.

— Pena por que, menina ?

— Porque então não ha uma primeira, de verdade.

— Tanto melhor. Sendo cada lingua a primeira para o povo que a fala, ha no mundo muito mais gente satisfeita do que se não fosse assim.

VIII

A CAPTURA DE HANS STADEN

HANS tinha consigo no forte um escravo carijó, que caçava para ele e o acompanhava em suas excursões.

Certo dia em que appareceu de visita ao forte um tal Heliodoro Hesse, gerente de um engenho de cana de S. Vicente, Hans, que na vespera mandara o carijó á caça, ficou apreensivo com a sua demora. Já passava de meio-dia e nada do indio apparecer. Como não fosse bom sinal aquilo, Hans se foi a procurá-lo.



Encontrou-o, e já vinham os dois de volta, a conversar, quando de subito uma gritaria irrompeu de dentro da mata e um bando de selvagens surgiu, de flechas apon-tadas.

— “Valha-me Deus” ! gritou Hans, e caiu ferido numa perna.

Os indios agarraram-no e despiram-no incontinenti. Um tirou-lhe a gravata e pôs-se a dansar de gosto com ela na mão. Outro tirou-lhe a camisa; outro, o chapéu. Enquanto isso dois selvagens disputavam entre si a posse do corpo de Hans. Um berrava que lhe pertencia, porque lhe pusera a mão primeiro; o segundo alegava que não, pois fôra ele quem o derrubara. Como não chegassem a acordo, engalinharam-se, e começaram a espancar-se mutuamente com os arcos. Vendo aquilo, os outros agarraram o prisioneiro e levaram-no a correr para onde estavam as canoas.

— Tal qual na fabula do burrinho e dos ladrões ! exclamou a menina. Quando dois brigam, lucra um terceiro...

— E' sempre assim na vida, e quanto mais vocês viverem tanto mais se convencerão da sabedoria das velhas fabulas. Mas levaram-no para as canoas e lá viu Hans surgirem novos indios, que vinham a correr, numa grande alegria, mordendo os braços como para indicar que o iam comer.

— Que horror, vóvó! exclamou a menina horripilada. Comer um homem!...

— Pois é, minha filha, davam sinais de que iam comê-lo e com um prazer enorme.

Diante do pobre Hans postou-se um morubixaba, ou cacique, armado de tacape, que contou aos outros como haviam caçado aquele pero.

— ?

— Os indios chamavam pero aos portugueses, talvez porque o chefe dos primeiros aparecidos por cá fosse Pedro, ou Però Alvares Cabral.

Depois de bem explicada e comentada a façanha, amarraram as mãos do prisioneiro e o puseram ao fundo de uma das canoas. Trataram em seguida de puxa-las para a agua e safarem-se, receosos de que os do forte já tivessem dado pela coisa e viessem vindo disputar-lhes a presa.

Esses indios não eram todos da mesma taba, de modo que logo surgiu duvida sobre a posse do prisioneiro; por fim um deles propôs que o matassem ali mesmo e cada qual levasse o seu quinhão.

Ouvindo aquilo o pobre Hans começou a encomendar a alma a Deus, certo de que não teria nem mais um minuto de vida. O cacique, porém, decidiu de outra manei-

ra. Havia de levá-lo vivo á taba para que as mulheres o vissem e se divertissem com ele; depois o matariam e — “Kaiuim pipeg!” isto é, muito cauim havia de correr. Prometeu preparar bastante cauim, devendo todos os presentes lá se reunirem para o devorar em sociedade.

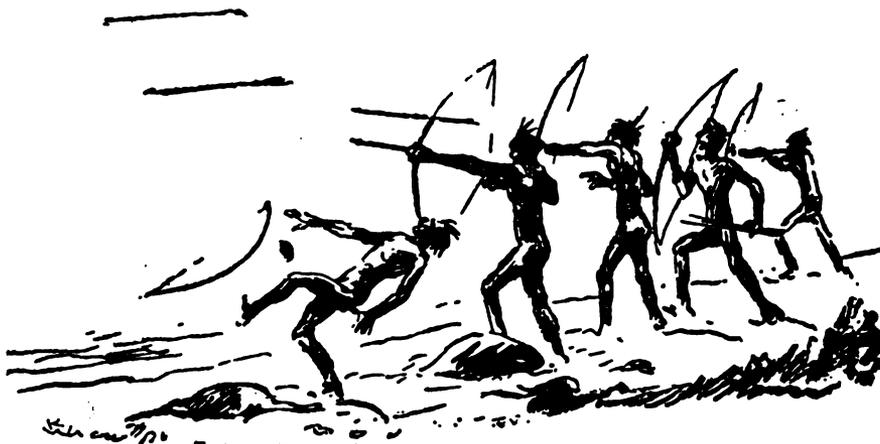
Assim combinados, amarraram-lhe ao pescoço quatro cordas, cujas pontas ataram á canoa, e partiram.

— Quer dizer que se não fosse a curiosidade das mulheres o pobre alemão morreria ali mesmo! observou Pedrinho.

— E’ verdade. O seu tipo louro, tão diferente do tipo dos portugueses e tão raro naquela terra, fez que o cacique tivesse aquela boa lembrança. Se fosse moreno, estaria perdido. . .

Ao pé da ilha onde o aprisionaram havia uma ilhota, na qual se aninhavam umas aves aquaticas de penas vermelhas, chamadas guarás. Essas aves nascem pardacentas e vão avermelhando á medida que crescem. Os selvagens tinham em muito apreço as penas do guará, que lhes serviam de enfeites. Aqueles indios haviam vindo justamente com o fim de apanhar guarás. O destino quis que em vez dessa caça de penas vermelhas encontrassem um bipede de cabelos louros, manjar muito mais raro e precioso. Todavia, não desistindo de levar alguns guarás, meteram-se pela ilhota atrás deles.

Nisto surgiu na praia um grupo de tupiniquins, com varios portugueses á frente. E’ que o escravo carijó, que conseguira fugir quando os indios agarraram o artilheiro, correra ao forte e dera alarme. Vinham agora todos de lá, a ver se livravam o seu chefe.



Como porém, se achassem em terra e os índios apressadores estivessem parte na ilha, parte no mar, nada puderam fazer, além da troca de umas flechas e zarabatanas. O morubixaba, que ia na canoa do prisioneiro com uma espingarda que lhe dera um francês, desamarrou-lhe as mãos e ordenou-lhe que atirasse contra seus amigos.

— E ele atirou? indagou Pedrinho.

— Está claro que sim, meu filho, pois não havia outro remédio. Mas com pontaria muito diferente da de Guilherme Tell...

Depois de breve escaramuça, receosos de que aparecessem canoas tupiniquins, os caçadores de caça humana afundaram os remos n'água e afastaram-se, levando feridos tres dos seus.

Passando perto do forte onde Hans costumava estar feito um rei no seu trono, puseram-no em pé para que de lá o vissem.

O forte deu dois grandes tiros de peça, que nenhum mal fizeram ás canoas. E lá se foram elas, remadas a toda

a força, fugindo das canoas tupiniquins que principiavam a aparecer.

A perseguição durou pouco. Como os tupinambás levassem boa dianteira, breve deixaram a perder de vista os seus perseguidores.

— Coitado do artilheiro! exclamou Narizinho, em cujos olhos brilhou uma lagrima de piedade. Está aí, está no papo dos canibais, como se fosse um leitão...

IX

RUMO Á TABA

A CAPTURA de Hans, continuou dona Benta, deu-se ali pelas quatro horas da tarde, e como a taba fosse longe, resolveram os tupinambás dormir numa ilhota do caminho. Saltaram das canoas e as vararam em terra.

O pobre artilheiro achava-se em misero estado; além de nada enxergar, pois tinha o rosto em sangue, não podia mover-se, devido ao ferimento da perna. Assim é que ficou deitado na areia, enquanto os índios preparavam o pouso. Naquela imensa aflição pôs-se a rezar um salmo, com os olhos em pranto. Ao vê-lo nesse estado, os índios escarneceram:

— “Vêde como chora! Ouvi como se lamenta!”

Em transe idénticos os prisioneiros indígenas mostravam grande arrogancia e profundo desprezo pela vida; arrostavam os seus matadores de cabeça alta, ameaçando-os com a vingança dos amigos e parentes. Os brancos, porém, em geral acovardavam-se, choravam e imploravam misericordia.

Os tupinambás acenderam fogueiras e deitaram o prisioneiro numa rede armada entre duas arvores, atando aos galhos as pontas das cordas que o manietavam. Depois acomodaram-se em redor exclamando com ironia:

— “Che remimbaba indé” — E’s meu animal domestico.

Ao raiar do dia partiram de novo e remaram até tarde; apesar disso, quando o sol descambou inda faltavam duas milhas para chegarem ao ultimo pouso.

Nesse entremeio formou-se no ceu, atrás deles, negra nuvem ameaçadora, o que os fez remarem com furia afim de atingirem a terra antes da tempestade. Vendo que não podiam escapar da chuva, disseram a Hans :

— “Pede a teu Deus para que a tempestade não venha”.

Hans reconcentrou-se e pediu a Deus nestes termos: “O’ tu, Deus onipotente, que auxilias os que te imploram, mostra tua força a estes pagãos, por forma que eu saiba que estás comigo e eles vejam que me ouviste”.

Hans ia deitado no fundo da canoa, de modo que não podia ver o ceu, nem saber se sua prece fôra atendida. Mas ouviu um indio dizer “Oquara-mõ amanaçú”, que significa: “A tempestade já passou”. Fez então um es-

forço, ergueu-se nos cotovelos e pôde olhar para o ceu. De fato, as nuvens dispersavam-se, o que lhe trouxe um grande alento de esperança.

Afinal as canoas alcançaram a terra. Os índios desembarcaram, como na vespera, dizendo que no dia seguinte chegariam á taba.

Assim foi. Pela manhã partiram de novo, remaram o dia inteiro e ás ave-marias alcançaram a taba de Ubatuba.

Entraram por uma praia perto da qual se viam as mulheres índias lidando numa roça de mandioca.

Ao passar por elas Hans foi obrigado a gritar-lhes:

— “Eis a vossa comida que vem chegando !”

Pedrinho riu-se, dizendo :

— Assim mesmo, vóvó, os índios não deixavam de ter a sua graça . . .

— Para nós, hoje, meu filho; naquele momento o misero Hans não achou graça nenhuma, nem você a acharia se estivesse em seu lugar.

As mulheres deixaram a roça e vieram rodeá-lo, cheias de curiosidade. Pela primeira vez viam um bipede implume, louro, de olhos azues e cara vermelha como presunto.

Os homens entregaram-lhes o prisioneiro, antes de irem para as cabanas guardar as armas e repousar. Então as mulheres, entoando os cantos que usavam quando iam devorar um inimigo, conduziram-no até á caiçara, ou cercado de paus a pique que fechava a taba. Pelo caminho foram-lhe dando bofetões e arrancando-lhe punhados de barba.

— “Che anama pipike aé!” exclamavam, como quem diz: “Vingamo-nos em ti do que os teus fizeram aos nossos”.

Depois o empurraram para dentro de uma cabana e o deitaram na “inni”, ou rede, continuando a insultá-lo e maltratá-lo.

Enquanto isso os homens reuniam-se em outra cabana para beber cauim diante dos maracás, idolos em cuja honra começaram a entoar cantos de agradecimento pelo feliz sucesso da expedição.

Essa musica, horrível para Hans, durou meia hora, deixando-o convencido de que a sua morte não estava longe.

Por fim apareceram na cabana os dois selvagens que o tinham capturado. Esses indios, seus donos por direito de guerra, eram os irmãos Alkindar-miri e Nhae-pepo-assú, nomes que significavam “alguidar pequeno” e “panela grande”. Vieram dizer-lhe que o haviam dado de presente a um tio, Ipirú-guassú (tubarão grande), o qual iria tomar conta dele e matá-lo para ganhar um nome.

— Que historia é essa de ganhar um nome? perguntou o menino.

— Era uso dos indios herdar o nome das vitimas. Ipirú havia, um ano antes, capturado um escravo e presenteado com ele seu sobrinho Alkindar. Este moço, querendo agora retribuir a gentileza, dava-lhe Hans de presente. Ipirú, então, o mataria e lhe herdaria o nome, para acrescentá-lo ao seu, como um penacho.

Os dois irmãos deram o recado e concluíram:

— “As mulheres, agora, vão levar-te para o terreiro “poracê”.

O prisioneiro não compreendeu o sentido desta palavra, que queria dizer dansar, e preparou-se para a morte.

As mulheres pegaram das cordas e puxaram-no para fóra. Não sabendo o que queriam dele, Hans procurou consolar-se, recordando os sofrimentos de Jesus Cristo maltratado pelos judeus.

Foi levado para defronte da cabana do morubixaba Guaratinga-assú (grande passaro branco). Ali havia um monte de terra fresca, no qual o assentaram, sempre seguro pelas cordas.

Hans julgou chegado o terrível momento em que aparece a iverapema.

— Que era, vóvó? perguntou Narizinho.

— Era um tacape proprio para o sacrificio dos prisioneiros. Usavam-no todo enfeitado de penas e manejavam-no de modo que ao primeiro golpe a vitima vinha ao chão, de cranio esmigalhado.

Hans, que conhecia o costume dos indios, correu os olhos em torno, a ver se já traziam a iverapema; como nenhum selvagem apparecesse com ela, sentiu um luar de esperança.

Nisto, uma india surgiu com uma lasca de cristal na mão, com a qual se pôs a cortar-lhe as sobranceiras. Depois quis fazer-lhe o mesmo á barba. Hans achou que era demais e pediu que o matassem com barba e tudo. As mulheres então lhe disseram que não iam matá-lo ainda.

Hans conseguiu dessa vez salvar a barba. Só mais tarde é que lha cortaram, com uma tesoura que os franceses haviam introduzido na aldeia.

— Que é que tinham os franceses com esses índios? perguntou o menino.



— Os franceses faziam-se aliados de todas as tribus inimigas dos portugueses. Era o meio de poderem negociar em pau-brasil e outros produtos da terra, contra a vontade dos que se julgavam donos e queriam monopolizar o comercio do Brasil.

— Mas os portugueses tinham direito a isto aqui ou não? O Brasil não pertencia aos índios?

— O direito dos portugueses era o direito do mais forte. Os índios deixaram-se vencer e desse modo perderam a terra que até então haviam possuído.

— Sempre a fabula do lobo forte e do lobo fraco, comentou Pedrinho filosoficamente.

X

OS MARACÁS

DALI as índias conduziram Hans para defronte da cabana onde se guardavam os maracás, isto é, os ídolos ou deuses selvagens. Eram cabaças cheias de pedrinhas, atravessadas por um cabo e com uma grande boca pintada, ou recortada. Cada selvagem possuía o seu maracá, e o acomodava numa cabana especial, onde lhe levava de comer e o consultava sobre tudo.

— Mas o maracá respondia às consultas?

— Respondia, sim, meu filho, como todos os ídolos em todas as religiões respondem às perguntas de todos os fiéis... Quem cala consente; os maracás se calavam, logo, respondiam “sim” a todas as consultas dos índios.

Depois as mulheres formaram um círculo em redor de Hans, amarraram-lhe às pernas uns chocalhos e puseram-lhe á cabeça um turbante de penas chamado “araçoiá”. Em seguida começaram a dansar, obrigando-o a bater no chão com o pé, para que o ruído dos chocalhos fosse marcando o compasso.

O ferimento da perna de Hans não estava cicatrizado, de modo que o misero muito padeceu nessa ocasião.

Terminada a festa, as índias entregaram o prisioneiro a Ipirú-guassú, a quem competia guardá-lo. Ipirú introduziu-o na cabana dos maracás, dizendo-lhe que aqueles ídolos lhes haviam profetizado a captura de um português.

Hans Staden redarguiu :

— “Esses idolos não falam nada, ou se falam não dizem a verdade, porque é falso que eu seja português. Sou amigo e parente dos franceses; minha terra se chama Alemanha”.

Os índios replicaram que era mentira, pois se fosse francês não estaria entre portugueses, gente inimiga dos franceses. Disseram ainda que os franceses vinham todos os anos trazer-lhes facas, machados, espelhos; pentes e tesouras, levando em troca pau-brasil, algodão, penas e pimenta. Por isso eram amigos dessa gente. Já com os portugueses fôra o contrario. Tinham vindo áquella terra muitos anos antes e logo se ligaram com os seus rivais tupiniquins. Apesar disso, eles, índios, tentaram aproximar-se e penetraram em seus navios, como costumavam fazer nos navios franceses. Mas foram miseravelmente traídos. Quando os peros viram a bordo um bom numero de tupinambás, agarraram-n’os e entregaram-n’os aos tupiniquins, para que os comessem. Além disso mataram a tiro muitos que estavam de fóra, nas canoas. Essas e outras crueldades fizeram-lhes nascer no coração um odio de morte contra os peros.

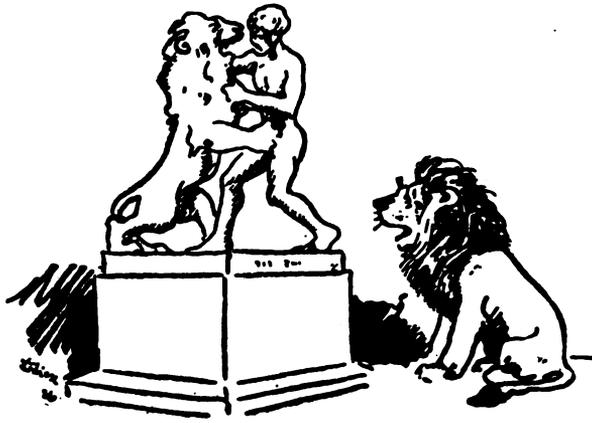
— Quer isso dizer que se os portugueses houvessem tratado com justiça os selvagens do Brasil eles seriam amigos, observou Pedrinho.

— Certamente, respondeu dona Benta. Mas os conquistadores do novo mundo, tanto portugueses como espanhóis, eram mais ferozes que os proprios selvagens. Um sentimento só os guiava : a cubiça, a ganancia, a sêde de enriquecer, e para o conseguirem não vacilaram em

destruir nações inteiras, como os aztecas do Mexico e os incas do Perú, povos cuja civilização já era bem adiantada.

— Mas como é então, vóvó, que esses homens são gloriosos e a historia fala deles como grandes figurões?

— Por uma razão muito simples : porque a historia é escrita por eles. Um pirata quando escreve a sua vida está claro que se embeleza de maneira a dar a impressão de



que é um magnanimo heroi. Ha uma fabula a este respeito. A' entrada de certa cidade erguia-se um grupo de marmore, que representava um homem vencendo na luta ao leão. Passa um leão, contempla aquilo e diz : Muito diferente seria essa estatua, se os leões fossem escultores!

Mas voltemos á historia do nosso Hans. Depois que os indios expuseram as razões gerais da inimizade para com os peros, entraram alguns a alegar motivos particulares. Alkindar e Nhae-pepô contaram como os portugueses haviam ferido a seu pai num braço, com um tiro do

qual resultou a morte do velho. Esse crime exigia a vingança que sobre Hans ia ser exercida.

Hans defendeu-se. Não era português, tinha vindo com os espanhóis; e se o encontraram entre os peros fôra devido ao naufragio que o arrojara ali. Não era português e pois não merecia que a vingança dos indios recaísse sobre sua cabeça.

Esse argumento calou no animo dos selvagens, nos quais o sentimento da justiça não era escasso, e foi resolvido que se averiguasse melhor.

Meses antes da captura de Hans os tupiniquins haviam arrasado uma aldeia tupinambá; os velhos tinham sido devorados e os moços, vendidos aos portugueses. Mais tarde um destes conseguiu fugir para a aldeia de Ubatuba, onde ainda se achava naquela ocasião. Chamaram-no, para prestar depoimento a respeito de Hans.

O moço declarou que o conhecia de S. Vicente e que Hans realmente viera em navio de espanhóis, gente, aliás, amiga dos portugueses.

Esta declaração melhorou um pouco a situação de Hans, mas não foi suficiente. Pediu ele então que o guardassem vivo até que por ali aparecesse algum filho da França.

Os indios concordaram e ficaram á espera de um francês que andava pela zona, a negociar pimenta.

Hans respirou. Conhecia a lealdade dos indios. Sabia que se um francês aparecesse e o reconhecesse como irmão, estaria salvo. Ficou, pois, á espera do salvador providencial que, segundo as noticias, não andaria longe daqueles sitios.

XI

O FRANCÊS SEM CORAÇÃO

UM dia surge um selvagem pela cabana de Hans, gritando :

— “Está cá o francês mercador de pimenta; vamos agora verificar se és da mesma raça dele ou não”.

O pobre artilheiro exultou de contentamento. Era um cristão que vinha ao seu encontro e que fatalmente o salvaria. Apressou-se, portanto, em comparecer á presença daquele juiz que lhe caia do ceu.

Essa entrevista, meus filhos, é uma cena de tragedia das mais empolgantes. Quem a figura na imaginação não a esquece nunca mais.

Os selvagens levaram-no á presença do francês, nú como ele andava, tendo apenas nos ombros um pano de linho que achara na aldeia.

O mercador de pimenta dirigiu-lhe a palavra em francês. Hans, que mal conhecia essa lingua, atrapalhou-se nas respostas. O monstro, então, voltou-se para os selvagens e disse-lhes em lingua da terra :

— “E’ portugûes dos legitimos, meu e vosso inimigo. Matem-no e comam-no !”

— Que horror ! exclamou Narizinho. Que monstro de crueldade ! Como podem existir no mundo creaturas assim ?



— Realmente, minha filha, custa crer que possam existir no mundo almas tão duras. E se o efeito da sua resposta é em nós o que você sentiu, imagine qual não foi no misero prisioneiro que depositara nesse cristão todas as suas esperanças!...

Hans insistiu ainda, pediu-lhe por misericórdia que o salvasse da sanha dos selvagens. Tudo inutil. O francês era de pedra.

Desesperado de todo o socorro, Hans repetiu uma impreciação do profeta Jeremias: “Maldito seja o homem que nos outros homens confia” e retirou-se com a alma espedaçada.

Em caminho arrancou o pano dos ombros — pano que usava para abrigar-se do sol que muito o castigava.

— “Se tenho de perecer, para que resguardar esta carne em proveito dos índios?”

Os índios levaram-no de novo á cabana da sua prisão, onde Hans se atirou ao solo, a chorar em aflição extrema.

Os índios murmuraram logo :

— “E’ português legitimo : está agora a lamentar-se de medo da morte”.

O francês demorou-se dois dias na taba; no terceiro partiu. Ipirú, então, resolveu que se fizessem os preparativos necessarios ao devoramento do prisioneiro.

Uma desgraça nunca vem só. Para cumulo de tanta miseria, Hans amanheceu com uma dor de dentes que quasi o pôs louco e que, como era natural, não o deixava comer coisa nenhuma.

Ipirú-guassú veio indagar por que motivo não comia; ao saber da causa saiu, voltando logo depois com um instrumento de pau para lhe extrair os dentes.

— Que instrumento seria esse? indagou Pedrinho, que mostrava certa vocação para a arte dentaria.

— Não sei, respondeu dona Benta. Mas devia ser um instrumento de meter medo, porque o pobre Hans, logo que o viu, declarou sem demora que a dor já havia passado.

Mesmo assim o indio insistiu em arrancar-lhe os dentes, muito custando a Hans fazê-lo desistir da ideia. Ipirú-guassú, então, ameaçou-o de matá-lo antes do tempo, caso persistisse em não comer.

— Por que, vóvó? indagou a menina.

— Porque, não comendo, emagreceria e os índios queriam comê-lo gordo...

E assim o pobre Hans, para prolongar um pouco mais a sua triste vida, teve de comer á força, embora a estalar com a sua horrorosa dor de dentes.

Alguns dias depois os indios o levaram para a taba de Ariariba (lugar das ostras), onde morava o grande chefe tupinambá Cunhambebe, um dos poucos selvagens que deixaram nome em nossa historia.

Havia lá uma grande festa, na qual os de Ubatuba queriam exhibir o prisioneiro como se fosse um animal raro.

Hans foi. Ao aproximar-se da taba ouviu forte rumor de cantos e trombetas, e viu defronte das cabanas quinze cabeças espetadas.

Apavorou-se com o horrivel quadro e disse consigo: “Amanhã, talvez, estará lá tambem a minha”...

E foi neste doloroso estado de alma que penetrou na taba sinistra, rodeado de guardas que iam gritando :

— “Aqui vos trago o escravo pero que caçamos na Bertioga !”

Os indios correram a examinar a bela peça de caça loura e de olhos azues, e depois o conduziram á presença do grupo de chefes, que estavam a beber cauim. Os chefes olharam-no desconfiados e disseram :

— “Vieste como inimigo ?”

Hans respondeu :

— “Vim, mas não como inimigo”.

Os chefes deram-lhe então de beber.

Hans já conhecia de fama o cacique Cunhambebe (1), guerreiro audacioso e habil, que muito mal fazia aos por-

(1) Gago, lingua arrastada.



tugueses. Mas não o conhecia pessoalmente. Como ninguém lho designasse, dirigiu-se a um que pelo aparato e truculencia parecia ser tal chefe.

— “E’s tu Cunhambebe? Vives ainda?”

— “Sim, respondeu o indio; vivo ainda”.

— “Já muito ouvi falar da tua pessoa e sei que és um homem de grande coragem”.

O morubixaba ergueu-se, cheio de orgulho, e pôs-se a passear pela sua frente, qual um pavão. Usava grande pedra verde no labio inferior, e ao pescoço trazia um co-

lar de conchas brancas, de umas seis braças de comprimento. Depois sentou-se de novo e perguntou por que motivo Hans atirara contra eles na Bertioga.

O prisioneiro respondeu :

— “Os portugueses me puseram á força no forte e me obrigaram a atirar”.

— “Mas tu és pero, o francês o disse; tu não entendes a lingua dele”.

Hans, aflito, respondeu :

— “Sim, é verdade que a não entendo bem; estive muito tempo fóra da terra dos franceses e esqueci a lingua. Mas não sou pero”.

Cunhambebe sorriu com incredulidade e disse :

— “Já comi cinco portugueses e todos mentiram”.

Hans estremeceu ao ouvir tais palavras, perdendo a pouca esperança de salvar-se que ainda tinha.

Cunhambebe continuou, perguntando o que os portugueses diziam dele e se o temiam.

— “Sim, respondeu Hans, falam muito de ti e das guerras que lhes costumam fazer; porisso fortificam melhor a Bertioga”.

O morubixaba radarguiu :

— “Hei de caçá-los a todos, como os de Ubatuba caçaram a ti”.

Hans acrescentou :

— “Teus verdadeiros inimigos são os tupiniquins, os quais preparam vinte e cinco canoas para atacar tua gente”.

— “Havemos de vencê-los e devorá-los a todos”, foi a resposta do chefe, que se regozijava dos muitos indios e peros que havia comido.

Durante a entrevista esgotou-se a cauim daquela cabana e os bebedores passaram-se para a imediata, terminando assim o primeiro encontro de Hans com o terrível Cunhambebe.

— Estou com medo, vóvó, disse Narizinho. Esse Cunhambebe me faz tremer...

— Pois eu, contraveio Pedrinho, estou entusiasmado. Gosto de um tipo assim! Ele estava no seu papel. Estava defendendo a sua terra, invadida por estrangeiros. Tinha direito de comer quantos peros quisesse.

Narizinho fez cara de horror ante a bravata do menino. Dona Benta riu-se e continuou.

XII

ANTROPOFAGIA

CUNHAMBEBE além de terrível comedor de inimigos era um guerreiro de valor. As suas expedições contra os tupiniquins e portugueses eram bem conduzidas e causavam sempre estragos enormes.

Numa outra ocasião Hans Ståden encontrou-o sentado á frente de uma grande cesta de carne humana. Cunhambebe estava comendo uma perna, que chegou á boca de Hans, perguntando-lhe se gostava.

Hans repeliu o horrivel assado, dizendo que, se nenhum animal irracional comia o seu semelhante, como podia um homem comer a outro ?

O antropofago cravou os dentes na carne, arrancou um naco e respondeu com a boca cheia :

— “Jauára ichê (sou um tigre). Está gostoso !”

— Realmente, que tigre ! exclamou Narizinho horrorizada, olhando para Pedrinho, que desta vez não teve animo de defender o canibal.

— Depois que Hans deixou Cunhambebe, continuou dona Benta, os indios levaram-no em exhibição de cabana em cabana.

Um filho do cacique atou-lhe as pernas em tres pontos e obrigou-o a pular de pés juntos. Todos riam-se e exclamavam :

— “Aqui está a nossa comida pulando !”

Hans desconfiou que aquilo já fossem preparativos para o sacrificio e perguntou a Ipirú se o iam matar naquele dia. Ipirú respondeu que não, mas que era costume tratarem assim aos prisioneiros.

— Faziam como faz o gato ao camondongó, lembrou Narizinho.

— Isso mesmo, confirmou dona Benta, mas notem vocês que havia nisso mais brincadeira do que crueldade. Não ha termo de comparação entre o modo pelo qual os indios tratavam os prisioneiros e o que era de uso na Europa. Lá a “civilização” recorria a todos os supplicios, inventava as mais horrendas torturas. Assavam os pés da vitima, arrancavam-lhe as unhas, esmagavam-lhe os ossos, davam-lhe a beber chumbo derretido, queimavam-

na viva em fogueiras. Não ha monstruosidade que em nome da lei ou de Deus os carrascos civilizados não tenham praticado. Mesmo aqui na America o que sobretudo os espanhois fizeram é de arrepiar as carnes. Os indios, não. Brincavam com as vitimas, apenas. Assim é que depois da tal dança de pernas amarradas eles rodearam Hans para escolher pedaços. A perna é minha, dizia um; o braço é meu, dizia outro; eu quero este pé, exclama terceiro.

Em seguida obrigaram-no a cantar; Hans obedeceu e entoou versos religiosos em latim. A curiosidade dos indios quis logo saber o que significavam.

— “São versos cantados em honra do meu Deus”, explicou Hans.

— “Teu Deus é “tipoti” (excremento), exclamaram diversos.

Hans, que era muito piedoso, magoou-se com aquilo e murmurou, olhando para o ceu : “Como podes tu, Deus poderoso, sofrer com paciencia estes insultos?”

Finda a festa, os indios reconduziram o prisioneiro á taba de Ubatuba. No momento da partida os ariaribenses gritaram-lhe :

— “Breve lá estaremos para provar da tua carne !”

Não se pode imaginar um botafóra mais sinistro...

Hans regressou a Ubatuba, onde novos dias se passaram sem que os indios se resolvessem a comê-lo. Iam contempORIZANDO sem que ele soubesse por que.

Certa madrugada houve grande reboição na aldeia.

— “Os tupiniquins !” gritavam os indios, correndo de um lado para outro, em preparativos para a luta. De fa-



to, era um bando de tupiniquins, vindos em vinte e cinco canoas, que rodeavam e atacavam a aldeia a flechadas.

Hans aproveitou-se do ensejo e disse aos tupinambás:

— “Vós me tendes por português, mas vou provar-vos que não sou; dai-me arco e flechas que quero ajudar-vos na defesa da taba”.

Os índios aceitaram a proposta; deram-lhe armas e Hans portou-se como um verdadeiro chefe, gritando para animar os defensores e atirando flechas o melhor que podia. Sua intenção, porém, era saltar a estacada logo que pudesse e fugir para o campo tupiniquim, onde o acolheriam como amigo. Mas aconteceu que em meio da luta os atacantes desistiram do assalto e retiraram-se para as suas canoas. Não pôde, pois, o nosso Hans realizar a fuga que havia projetado e teve que voltar para a cabana que lhe servia de cadeia.

Na noite desse dia os chefes tupinambás reuniram-se ao luar, no centro da taba, e levaram-no para o meio deles por entre zombarias e maus tratos. Iam resolver sobre a

época do seu sacrificio. Enquanto os indios conferenciavam, Hans, muito triste, olhava para a lua, a dizer consigo:

— “Oh, meu Deus, ajuda-me nesta aflicção e faze que breve me veja livre deste martirio”.

Os selvagens estranharam-lhe os modos e perguntaram-lhe por que olhava tanto para a lua.

— “Noto que ela está zangada”, respondeu ele. E, de fato, a lua lhe parecia terrível, como Deus lhe parecia terrível, como tudo lhe parecia terrível.

Nhae-pepô, que era um dos que mais desejavam o seu sacrificio, perguntou-lhe :

— “Com quem está zangada a lua?”

Hans respondeu com ares misteriosos :

— “Ela olha para tua cabana...”

Nhae-pepô enfureceu-se. Para abrandar-lhe a coe-
ra Hans remendou o dito :

— “Não será contigo; ela deve estar zangada com algum dos teus escravos carijós”.

O incidente parou aí, mas teve consequencias inesperadas, como veremos depois.

No dia seguinte chegou a noticia de que os atacantes da vespera, ao sairem dali, dirigiram-se a Mambucaba, cuja aldeia assaltaram e incendiaram. Os moradores puderam fugir, com exceção de uma criança que foi capturada.

— Coitadinha ! exclamou a menina, compadecida. E foi comida?...

— Não sei, respondeu dona Benta; Hans Staden nada conta do destino dessa infeliz, mas a mim me parece que a não mataram. Os indios poupavam as crianças.

Nhae-pepô tinha em Mambucaba parentes e amigos e ao saber do desastre resolveu ir socorrê-los e ajudá-los na reconstrução de suas cabanas. E para lá se foi com varios auxiliares, levando a provisão de farinha de mandioca preparada para a festa do devoramento de Hans.

Este imprevisto incidente veio retardar o sacrificio e permitir que o prisioneiro respirasse com alguma esperança.

— Que situação horrivel, vóvó, a de um homem no caso de Hans! disse a menina. Saber que vai ser comido e viver assim — é hoje, é amanhã... Seria preferivel que o matassem logo no primeiro dia!

— Se o matassem logo no primeiro dia, não estavam vocês hoje a ouvir a sua historia, respondeu dona Benta.

XIII

ESPERANÇAS

LOGO depois da partida de Nhae-pepô chegou de S. Vicente um navio português, que deitou ancora perto da taba e disparou um tiro de canhão. Era o sinal do costume para que os indios das redondezas viessem ter com os navios.

Ao ouvirem o tiro os índios disseram ao prisioneiro :
— “Ai vêm teus amigos portugueses; querem saber se vives e se queremos dar-te em troca de alguma coisa”.

A noticia encheu-o de esperança. Mas ser procurado por navio português era dar provas de ser português, e Hans inventou logo uma historia destinada a atrapalhar os índios. Disse-lhes que tinha entre os portugueses um irmão francês e com certeza era esse irmão quem vinha procura-lo.



Os índios, porém, não deram credito á historia. Aproximaram-se do navio a ponto de fala e perguntaram o que queriam.

Os portugueses indagaram de como ia passando Hans. Os selvagens responderam que não sabiam de quem se tratava.

Não havendo meio de entendimento, o navio afastou-se, deixando o misero artilheiro mergulhado na maior dor. Pela segunda vez de todo perdia a esperança de salvar-se. Já via a iverapema sobre a sua cabeça, pres-tes a desferir o golpe fatal. O sacrificio fôra adiado por causa da partida de Nhae-pepô; mas o indio regressaria breve, e então...

Assim o imaginou Hans, e ficou á espera do cacique, certo de que o seu regresso lhe marcaria o fim do martirio.

Ouvindo uma tarde gritos na cabana de Nhae-pepô, Hans estremeceu. Era costume dos indios receberem com tais gritos os companheiros que tornavam das viagens, e aquele barulho queria dizer que Nhae-pepô estava de volta. Resignadamente, pois, ficou á espera do que desse e viesse.

Sem demora veio ter com ele um indio, que lhe disse:

— “Alkindar, o irmão de Nhae-pepô, acaba de chegar e diz que os outros lá ficaram em Mambucaba muito doentes”.

O coração de Hans bateu apressado, com a esperança de novo renascida. Aquela doença de Nhae-pepô viria afastar mais uma vez a época do seu sacrificio.

Não demorou muito e apareceu-lhe Alkindar; sentou-se e principiou com lamurias, dizendo que Nhae-pepô, sua mãe e seus sobrinhos tinham caído doentes em Mambucaba, dondê mandavam pedir a Hans que intercedesse perante o seu Deus para que todos sarassem.

— “Meu irmão, concluiu Alkindar, pensa que o teu Deus está zangado com ele”.

Ao ouvir tais palavras o pobre Hans creou alma nova, e sem demora confirmou tal suposição.

— “Está zangado, sim, porque insistis em afirmar que sou portugûes quando não é verdade. Ide ter com Nhae-pepô e dizei-lhe que volte, que eu falarei a meu Deus para que todos sárem”.

Com isto retornou o indio para Mambucaba e Hans pela primeira vez dormiu uma noite sossegada.

Alguns dias depois regressaram os doentes. Hans foi chamado á cabana de Nhae-pepô, que lhe disse :

— “Tu sabias de tudo. Tu disseste naquela noite que a lua olhava zangada para a minha cabana”.

Hans lembrou-se do incidente da lua e encheu-se de grande alegria, imaginando que Deus visivelmente o estava protegendo. Aproveitou-se do caso para convencer o indio de que era assim mesmo. A lua estava zangada com todos eles porque queriam comê-lo, como se fosse um pero, o que não era verdade. Vinha daí aquele rosario de desgraças.

Nhae-pepô pediu-lhe que os curasse. Hans, então, deu-se ares misteriosos e girou em torno dos doentes, fazendo passes com as mãos e pronunciando palavras cabalísticas. Terminou assegurando que iriam todos sarar.

Infelizmente aquelas micagens não produziram nenhum efeito; no dia seguinte morreu uma criança; em seguida, a mãe de Nhae-pepô e mais uma velha que andava fabricando os potes para o cauim da festa de Hans.

— Que festa? indagou Narizinho. A festa em que iam comê-lo?

— Sim, respondeu dona Benta, como nós hoje fazemos uma festa em torno do sacrificio de um Perú... Mas não ficou aí o desastre; dias após faleceu outra criança e, por fim, um irmão de Nhae-pepô.

O morubixaba caiu em grande tristeza diante do estrago que a morte estava a fazer em sua familia; e, com medo de ir-se tambem, pediu de novo a Hans a proteção



do seu Deus. Hans consolou-o, afirmando que nada lhe aconteceria, caso desistisse da idéia de o devorar.

O morubixaba concordou e prometeu poupá-lo, proibindo que na sua cabana o maltratassem ou o ameaçassem de morte.

Continuou doente esse indio por mais algum tempo, e por fim sarou, juntamente com uma de suas mulheres; havia perdido oito pessoas da familia, todas muito más para Hans.

O morubixaba da cabana vizinha, Guaratinga-assú, sonhou uma noite que Hans lhe aparecera e anunciara sua morte. De manhã cedo foi procurá-lo para contar-lhe o sonho.

Hans explicou que coisa nenhuma lhe sucederia, se tambem desistisse de o devorar.

O indio acordou nisto; declarou que não lhe faria mal algum e, caso o matassem, não lhe comeria da carne.

— Triste consolo! exclamou Pedrinho.

— Do mesmo modo sonhou com Hans um terceiro morubixaba, Karimã-Kui (farinha de carimã), que tambem o

mandou vir á sua presença. Deu-lhe de comer e contou-lhe que outrora capturara um português, do qual comera tanto que desde então vinha sentindo um mal do estomago.

Hans disse logo :

— “Pois é isso. A carne humana é um veneno terrível e a tua doença vem de a teres comido. Se de hoje em diante desistires de comê-la, sararás e nunca mais terás sonhos tristes”.

Karimã deu-se por convencido e prometeu nunca mais comer gente.

Começaram os indios a ter medo de Hans e a respeitá-lo. Até as velhas da taba, que eram voracissimas e costumavam maltratá-lo com beliscões e ameaças, ganharam medo ao alemão, cujo deus se patenteava de maneira assim visível.

Uma delas veio dizer-lhe :

— “Meu filho, não nos deixes morrer. Se te tratamos mal é que te julgavamos português, gente a quem odiamos. Já comemos varios deles, mas o deus português não fazia caso. O teu deus zanga-se e porisso vemos que de fato não és português”.

Desde essa ocasião todos da taba o deixaram em paz, embora o mantivessem sob vigilancia, como dantes.

— O tal português que Karimã-Kui comeu devia ser um pero de 24 quilates, para encruar assim o estomago de um canibal, comentou Pedrinho.

— Não caçõe dos seus avós, menino, advertiu dona Benta a sorrir e continuou.

XIV

A VOLTA DO FRANCÊS

O tal francês, que tão cruelmente aconselhara os índios a que matassem e comessem o pobre Hans, voltou de novo á taba de Ubatuba, sempre a negocio de pimenta e penas. Veio de Iteron, nome primitivo de Niteroi, que era onde aportavam os navios franceses.

Logo que chegou á taba admirou-se de ver ainda vivo o alemão.

— “Que é isso, homem? Pois inda estás vivo?”

Hans respondeu, agastado :

— “Sim, estou vivo graças a Deus, pois só a ele devo o ter conservado a vida até agora, contra o conselho que déstes aos índios”.

O francês, que os índios chamavam Karuatá uára (1), parecia mudado e não olhou para Hans com o rancor da primeira vez. Em vista disso Hans o chamou de parté e expôs o seu caso, de maneira a convencê-lo de que na realidade não era português, e sim alemão, naufrago de um navio espanhol.

O francês mostrou-se arrependido do que fizera. Disse que realmente o havia julgado português, gente má a quem tanto os índios como os franceses não poupavam. Mas já que não era assim, ia ajudá-lo a salvar-se.

Tudo mudou depois dessa conferencia. Karuatá-uára explicou aos índios que se enganara da primeira vez; o

(1) Comedor de fruta gravatá.

prisioneiro de fato não era português, e sim de um país chamado Alemanha, cujos habitantes sempre foram amigos dos franceses. E acabou pedindo aos índios que o deixassem levar consigo.

Os índios deram-se por convencidos, mas declararam que só o deixariam ir se o pai de Hans ou seus irmãos o viessem buscar num navio cheio de machados, facas, tesouras, pentes e espelhos. Tinham-no apanhado em território inimigo e, pois, lhes pertencia.

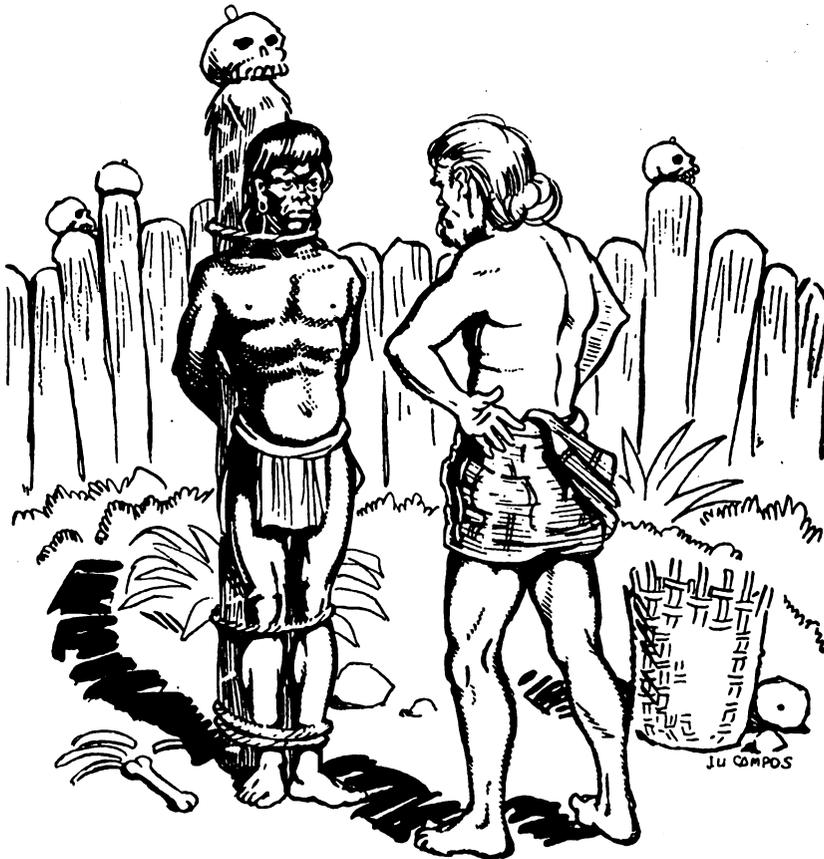
Karuatá-uára procurou de novo Hans e narrou-lhe os passos que dera. Estava convencido de que os índios não o largariam de forma nenhuma.

Hans pediu-lhe pelo amor de Deus que o mandasse buscar pelo primeiro navio aportado em Iteron. Karuatá-uára, depois de prometer-lhe isso, pediu aos índios que o guardassem cuidadosamente, até que seus parentes viessem buscá-lo. E partiu.

Enquanto se davam estes acontecimentos, os índios enfermos sararam e a vida da taba entrou no ramerrão habitual.

A volta da saúde trouxe a volta da gula, e o propósito dos índios de não comerem o prisioneiro começou a fraquear. As velhas murmuravam que os franceses, afinal de contas, não valiam mais que os peros.

Hans atemorizou-se com isso, porque não tinha grande confiança no caráter dos selvagens. Mas foi uma injustiça. Os tupinambás souberam cumprir o prometido, dando prova de que é mais de fiar-se num selvagem do que num rei branco como aquele Fernando o Católico, de Espanha, que só cumpria a palavra dada quando lhe convinha.



XV

CENAS DE CANIBALISMO

ALGUM tempo depois os indios de Ubatuba foram convidados para uma festa na taba de Ticoaripe, na qual iam comer um prisioneiro maracajá.

Os convidados partiram em canoas, levando Hans consigo.

Em todas as cabanas as mulheres estavam ultimando o preparo do cauim, bebida indispensavel em tais festas.

Hans aproximou-se do prisioneiro maracajá e perguntou-lhe :

— “Estás pronto para morrer?”

O indio olhou-o com indiferença e respondeu, muito calmo, a sorrir :

— “Sim, estou pronto para tudo. Mas nós maracajás possuímos melhores mussuranas”...

— Que é isso vóvó? perguntou Narizinho.

— São umas cordas que os indios preparavam especialmente para amarrar os prisioneiros no dia do sacrificio. Aquele maracajá sorria diante da morte e caçoava das mussuranas dos seus inimigos...

Hans Staden sentiu um grande dó do infeliz. Afastou-se e pôs-se a ler num livro de capa de couro, que os indios haviam trazido de um barco apanhado com o auxilio dos franceses.

— Que livro seria esse, vóvó? indagou o menino.

— Não sei, meu filho: Hans esqueceu-se de transmitir á posteridade o nome dessa obra, talvez a primeira que veio a circular no Brasil...

Logo depois voltou Hans a falar com o maracajá, dizendo-lhe:

— “Eu tambem sou prisioneiro e moro em Ubatuba. Vim de lá trazido á força, mas não para ajudá-los a comerem da tua carne”.

— “Eu sei, disse o maracajá, que a gente da tua raça não come carne humana”.

Hans procurou consolar a vitima e fez-lhe uma preleção. Disse que apenas lhe comeriam a carne, pois que sua alma voaria da terra com destino a um lugar muito alegre, para onde iam tambem as almas dos homens brancos.

— “Será verdade isso?” exclamou o indio.

— “Sim, é verdade. Lá para onde vão as almas é que reside Deus”.

— “Mas eu nunca vi esse Deus”.

— “Na outra vida has de vê-lo”, concluiu Hans.

Nessa noite um vento horrivel açoitou a taba, chegando a arrancar pedaços do teto das cabanas. Os selvagens encolerizaram-se, dizendo que fôra Hans quem trouxera o furacão.

— “Ele é um diabo, explicou um, e esteve hoje a olhar para o “couro da trovoada”.

— Couro da trovoada, vóvó?...

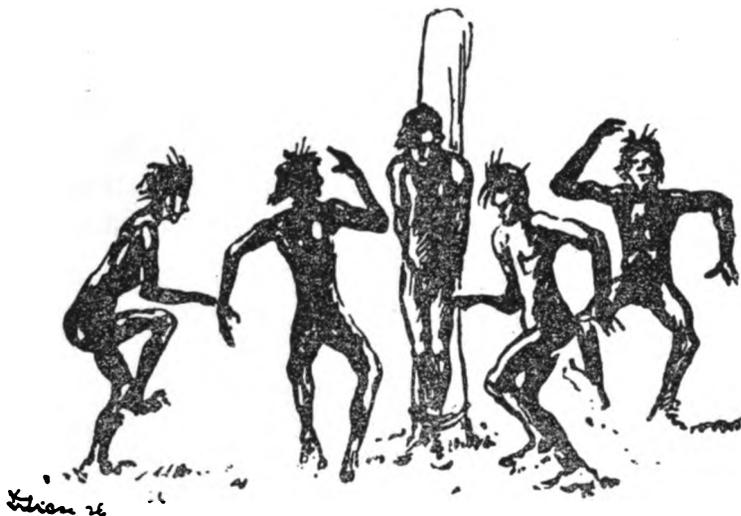
— Sim. Chamavam couro da trovoada ao livro de capa de couro...

Narizinho soltou uma gargalhada :

— Que idiotas !

— Os indios eram supersticiosos, explicou dona Benta, e um livro seria para eles a coisa mais misteriosa e incompreensivel do mundo, arte do demonio, como ainda hoje nossos caboclos classificam o gramofone, o telegrafo e as mais coisas que não podem compreender.

Afinal mataram o prisioneiro, assaram-lhe a carne e comeram-na, regando abundantemente o banquete a potes de cauim.



Finda a festa, cuidou-se da volta para Ubatuba, e os donos de Hans trouxeram consigo um pouco de carne do maracajá.

No primeiro pouso, no momento em que os índios erguiam na praia um rancho onde passarem a noite, começou a chover.

— “Faze cessar a chuva, disseram-lhe os índios, já que a chamaste sobre nós”.

— “Deus está zangado convosco, respondeu Hans, por terdes comido carne humana”.

Os selvagens aborreceram-se e disseram que a carne humana era a sua verdadeira comida.

Perto de Hans ia um menino, a roer uma canela do maracajá. Esse espetáculo horrorizava ao alemão, que mandou o pequeno deitar fóra aquilo. O menino não fez caso e continuou a roer o osso. Enquanto isso a chuva ia apertando. Afinal o pequeno lançou fóra o osso, e como

logo em seguida a chuva cessasse, Hans aproveitou-se da coincidência para dizer :

— “Vêdes? Meus Deus estava zangado porque o menino roia aquele osso”.

Os índios, porém, não eram de todo brancos e um deles disse :

— “Mas se o menino tivesse comido a canela sem que tu visses, o tempo não se teria arruinado”.

De volta a Ubatuba Alkindar caiu doente dos olhos e andou cego por uns dias. O medo da morte fê-lo chegar a Hans e pedir que rogasse ao seu Deus pela volta da vista. Hans o fez, e assim conseguiu também dele a promessa de não consentir que o matassem.

XVI

APARECE OUTRO NAVIO

JÁ ia no quinto mês a escravidão de Staden. Sua situação melhorara muito; o espantinho do seu sacrificio estava de todo afastado. Os índios, muito supersticiosos que eram, respeitavam-no cada vez mais, com medo de que o Deus de Hans os castigasse.

Por essa época surgiu em Ubatuba outro navio vindo de S. Vicente. Embora inimigos, os portugueses e



tupinambás não deixavam de entrar em negócios. Esses índios produziam muita farinha de mandioca, género de que os portugueses faziam grande consumo nas suas plantações, lavradas por escravos. Quando a farinha escasseava em S. Vicente, vinham de lá navios afim de obtê-la dos índios em troca de machados e anzóis. Esses navios ancoravam no porto e davam o tiro do costume. Os índios saíam da taba a indagar do que era.

— “Negocio de farinha !” gritavam os de bordo.

Os índios, então, ajuntavam-se na praia, de armas em punho, mandando uma canoa com dois parlamentares ao encontro do navio afim de ajustarem as condições do negocio. Depois de tudo bem combinado realizava-se a per-

muta das mercadorias, com as maiores precauções de lado a lado porque um não confiava no outro.

Concluída a transação, recomeçava a guerra. Os índios despediam uma nuvem de flechas contra o navio e este por sua vez despejava os seus canhões contra os índios.

— Ora que curioso ! exclamou Pedrinho. Está aí um costume que nunca imaginei possível.

— Era como se dissessem : inimigos, inimigos, negocios á parte, acrescentou dona Benta. No fundo, a necessidade os obrigava a isso. Uns não podiam passar sem anzois, outros não podiam passar sem farinha. O armisticio resolvia o apuro de ambas as partes, como breve parentesis na luta que só teve fim quando os índios foram completamente exterminados.

O navio em questão entrou no porto e deu o tiro de aviso. Vieram os índios. Desta vez, porém, não era farinha que os peros queriam. Apenas desejavam saber noticias de Staden. Disseram mais que estava a bordo um irmão de Hans, com muitas mercadorias destinadas a ele.

Os índios parlamentares voltaram do navio com essa boa nova, e Hans pediu que o deixassem conversar com o seu irmão.

— “Quero pedir a meu irmão que conte a meu pai a minha historia e lhe peça que venha buscar-me com um navio cheio de presentes para vós”.

Os selvagens acharam justa a pretensão; impuseram-lhe, todavia, que não falasse com nenhum português. Andavam a preparar em segredo uma expedição contra a Bertioga e receavam que o prisioneiro os traisse.

— “Nada temais, disse-lhe Hans; os peros não compreendem a minha lingua, nem a do meu irmão que está a bordo”.

Os indios deixaram-se embaçar e levaram-no á distancia de uns cincoenta passos do navio. Dali Hans gritou:

— “Deus seja convosco, irmãos. Que venha um só falar comigo e não deixe perceber aos indios que não sou francês”.

— Mas os indios não estavam a ouvir essa fala? perguntou Pedrinho.

— Sim, estavam; mas esses indios não entendiam a lingua dos portugueses, porque viviam em guerra com eles e sempre que apanhavam algum, em vez de o tomarem para professor, preferiam comê-lo assado. Desse modo podia Hans falar livremente, sem receio de ser entendido.

Em resposta ás suas palavras adiantou-se o biscainho João Sanchez e disse :

— “Meu querido irmão, aqui vimos em busca de noticias vossas, visto como o primeiro navio mandado nenhuma nova pôde levar. Quem nos envia é o capitão Braz Cubas, de Santos, o qual deseja saber se estais vivo, afim de vos resgatar”.

Hans retomou a palavra :

— “Que Deus vos recompense eternamente, pois vivo em grande aflicção, sem saber o que estes selvagens querem de mim. Só sei que já me teriam devorado, se Deus não me houvesse protegido. Eles recusam-se a vender-me, pois esperam que meu pai venha de França buscar-me num navio cheio de presente. Peço-vos que não os deixeis suspeitar que não sou francês, pois que isso

me seria funesto, e peço-vos ainda que me deis facas, machados e anzóis com que eu possa presentear-los”.

Sanchez respondeu:

— “Sim, irmão, tudo faremos como o desejais. Mandai cá uma canoa buscar os presentes”.

Neste ponto os índios deram mostras de que já se estava prolongando demais a fala. Hans, então, despediu-se de Sanchez.

— “Os índios não me deixam dizer mais. Cuidado com eles! Estão a preparar secretamente uma investida contra a Bertioga. Adeus!”

— “Adeus, irmão! disse Sanchez. Antes que eles ataquem a Bertioga, serão atacados pelos tupiniquins cujas canoas estão prontas. Não desanimeis. Deus vos ha de acudir em melhor momento, já que neste nada podemos fazer pela vossa salvação”.

E separaram-se. Os índios levaram Hans dali e mandaram uma canoa a bordo em busca dos presentes, que Hans distribuiu entre eles, dizendo:

— “Tudo isto me trouxe o meu irmão francês”.

— “E que foi que disseste a teu irmão?” perguntaram os índios.

— “Disse-lhe, inventou Hans, que procurasse fugir das unhas dos peros e voltasse para a nossa terra, e de lá tornasse num navio cheio de presentes para vós, visto que sois bons para comigo e não me maltratais”.

Semelhante fala, como é natural, muito agradou aos selvagens, que murmuraram entre si:

— “Não resta duvida que é francês; havemos agora de tratá-lo como irmão”.

Desde esse momento Hans gozou de mais folga na taba; ia á caça com os indios e ajudava-os nos trabalhos de roça.

— Os selvagens, afinal de contas, não passavam de uns coitados, disse Narizinho. Hans embaçou-os de uma vez.

— E' que possuíam um grau de intelligencia muito inferior ao dos brancos. Daí a facilidade com que os pe-ros e os espanhois, em muito menos numero, conseguiram dominá-los. Neste caso de Hans, por exemplo, assistimos á luta da intelligencia contra a bruteza. A intelligencia, com suas manhas e artimanhas, acabou vencendo a força bronca do numero.

XVII

O CARIJÓ DOENTE

HAVIA na taba um prisioneiro carijó que houvera sido escravo dos portuguezes e fôra apanhado pelos tupinambás numa das expedições contra S. Vicente. Esse carijó detestava Hans Staden e vivia dizendo que fôra ele quem matara o pai de Nhae-pepô com um tiro.

Era falso. O carijó estava ali na taba já tres anos e Hans só tinha um ano de estada no Brasil: não podia o indio, portanto, tê-lo conhecido na Bertioga, como afirmava.

Um dia, em que esse escravo caiu muito doente, Ipirú-guassú, seu dono, chamou Hans para curá-lo.

Hans examinou-o e disse :

— “Está doente e vai morrer porque me quis fazer mal. Não tem cura”.

Em vista disso Ipirú resolveu dar o carijó ao seu amigo Abaté (1), para que o matasse e ganhasse um nome.

Varios indios que se achavam á volta do doente foram da mesma opinião.

— “Sim, ele “quer” morrer; é melhor matá-lo já”.

Hans horrorizou-se com a idéia e disse :

— “Não ! Não o matem, que ele ainda poderá sarar”.

De nada valeram as suas palavras; os indios levaram-no dali a braços, porque o doente não dava mais acordo de si.

Abaté recebeu o presente, agradeceu-o e foi para dentro buscar a iverapema. Trouxe-a, ergueu-a no ar e desferiu tamanho golpe no cranio do carijó que os miolos espirraram longe.

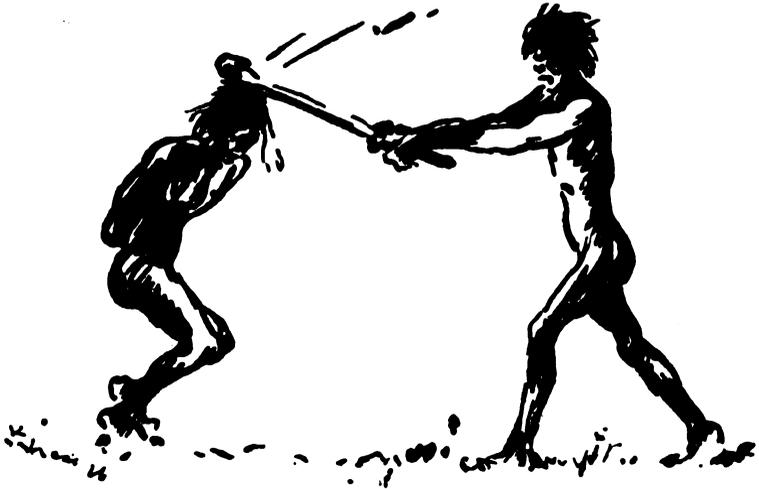
Iam comê-lo. Hans interveio para aconselhar que não o fizessem; o carijó estava doente e sua carne poderia envenená-los.

Os indios vacilaram um instante. Estava tão feia a cara do carijó, além do mais cego de um olho, que se sentiram repugnados.

Nisto surge de uma das cabanas um indio mais desabusado; manda que as mulheres façam fogo ao pé do cadaver e decepa-lhe a cabeça, arrojando-a para longe.

Suprimida a parte do corpo que horrorizava pelo aspecto, desapareceu a repugnancia dos indios, os quais

(1) Homem notavel, chefe.



tomaram o cadáver, chamuscaram-no ao fogo, esfolaram-no, dividiram-no em postas e distribuíram-nas entre os circunstantes. Logo depois em cada cabana começou a chiar ao espeto um naco de carijó...

— Páre, vóvó! exclamou Narizinho; páre que estou sentindo uma bola no estomago...

— De fato, minha filha, o quadro é horroroso. No entanto fazemos nós hoje coisa muito parecida com os cadáveres dos bois e dos porcos... Afastado o aspecto moral, não vejo diferença entre o cadáver de um carijó e o cadáver de um boi.

— Basta, vóvó! disse Pedrinho. De hoje em diante não comerei mais carne.

— Nem de galinha? interpelou a menina.

Pedrinho, que gostava muito de frango assado, vacilou.

— De galinha não digo; mas de boi ou de porco, nunca mais!...

XVIII

O TERCEIRO NAVIO

OS tupinambás haviam marcado para a sua expedição contra a Bertioga o mês de agosto, tempo das tainhas. A abundancia do peixe facilitava a operação guerreira, porque não ha guerra possivel quando não ha facilidade de abastecimento.

Hans contava fugir por essa ocasião.

Ficaria na aldeia sózinho com as mulheres e facil lhe seria escapar.

Oito dias antes da expedição, porém, chegou noticia de um novo barco francês ancorado em Iteron, ou Rio de Janeiro, como diziam os portugueses. Essa noticia viera por um bote pertencente ao navio, o qual chegara até Ubatuba em procura de pimenta, macacos e papagaios. Vinha no bote um tal Jacó, que sabia a lingua dos tupinambás e o jeito de negociar com eles.

Hans insistiu com os selvagens para que o conduzissem até ao navio, onde devia estar seu irmão com os presentes esperados.

— “Não! responderam os indios. Esses franceses não são teus amigos. Vieram no bote e nem uma camisa te trouxeram”.

Era bem verdade aquilo! Mas Hans insistiu; disse que se ele chegasse até á nau os franceses lhe dariam muita coisa.

— “Tem tempo, responderam os selvagens. O navio demora-se ainda. Depois da expedição cuidaremos disso”.

Enquanto o nosso Hans, na praia, aferrado ás suas esperanças, debatia com os índios, o bote de Jacó começou a afastar-se.

Na sua ansia de libertação Hans perdeu a cabeça e atirou-se ao mar, rumo ao bote. Os índios foram-lhe no encaço; um deles chegou a por-lhe a mão. O desespero, porém, redobrou as forças do fugitivo, que repeliu o índio, safou-se e, a violentas braçadas, atingiu o bote.

— Finalmente! exclamou Narizinho, comovida. Também já era tempo...

— Engano, minha filha; não era tempo ainda. Os franceses do bote não o deixaram entrar. Repeliram-no, alegando serem amigos daquela tribo e que se o deixassem entrar contra a vontade dos índios eles se vingariam. E o pobre Hans teve de voltar para terra...

— Que horror!

— Os índios, que já o supunham perdido, começaram a gritar, alegremente:

— “Ele volta! Ele não fugiu!”

Hans, ao pisar na praia, mostrou-se agastado.

— Julgáveis então que eu pretendia fugir? Fui ao bote unicamente para dizer aos meus patricios que viessem buscar-me depois da guerra e que trouxessem para vocês muitas coisas bonitas.

— Sim, senhora! exclamou Pedrinho. Esse alemão era das arabias! Conseguiu mais uma vez lograr os pobres índios...

— Lográ-los, confirmou dona Benta, e agradá-los. Os índios ficaram contentíssimos com o seu gesto e passaram a tratá-lo ainda melhor.

XIX

A GUERRA

QUATRO dias depois reuniram-se em Ubatuba as canoas destinadas á guerra.

Cunhambebe compareceu com a sua hoste de guerreiros. Conferenciou com Ipirú e determinou que Hans tomaria parte na expedição. Esta decisão vinha transtornar todos os seus planos de fuga. Hans, no entanto, soube esconder a sua contrariedade e fingir que iria de bom grado, na esperança de que durante o percurso não o guardassem muito de perto e ele pudesse desertar em terra tupiniquim.

A expedição compunha-se de quarenta e tres canoas, tripuladas por vinte e tres homens cada uma.

— Não era uma brincadeira, exclamou Pedrinho. Quarenta e tres multiplicado por vinte e tres dão — esperem um pouco — dão novecentos e oitenta e nove homens. Irra! Quasi mil!...

— A intenção de Cunhambebe era dirigir-se á Bertio-ga pelo ponto onde haviam capturado o artilheiro; ali se ocultaria nas matas, para o ataque no momento oportuno.

Partiram a 14 de agosto de 1554, mês da piracema das tainhas.

Essa expedição devia encontrar-se com a que os tupiniquins andavam organizando e fôra marcada para a mesma ocasião, como Hans soube pela fala de João Sanchez.

Durante a viagem os indios perguntaram-lhe o que pensava da expedição e se seriam felizes.

Hans, está claro, respondeu o que podia responder, mas teve a habilidade de acrescentar :

— “Meu parecer é que os tupiniquins vêm vindo ao nosso encontro”.

Como era quasi certo que assim fosse, queria arriscar uma afirmação que o fizesse passar como profeta.

As canoas iam sem pressa, parando sempre que topavam cardumes de tainhas. Os indios pescavam-nas em grande numero, preparavam o piracui e prosseguiam na marcha.

Quando se viram a um dia de viagem da Bertioga, arrancharam-se na ilha de Maembipe, que os portugueses diziam de São Sebastião. A’ noite Cunhambebe passeou pelo acampamento e fez uma fala aos guerreiros. Disse-lhes que eram chegados ás fronteiras do inimigo, e que, portanto, procurassem ter sonhos felizes, por meio dos quais guiarem-se.

Concluida a fala, houve dansa em torno dos maracás até tarde da noite.

Ao raiar do dia seguinte os chefes reuniram-se em torno duma panela de peixe frito, e enquanto comiam contaram uns aos outros os seus sonhos.

Foi depois resolvido que se entrasse nesse mesmo dia em terra inimiga, por um lugar chamado Boissucanga, onde aguardariam a noite.

Ao deixarem Maembipe perguntaram novamente a Hans o que pensava da guerra, ao que Hans respondeu, ao acaso, que em Boissucanga iriam encontrar o inimigo.

Era intenção de Hans fugir nesse ponto, distante apenas seis leguas do sitio onde o haviam capturado.

As canoas puseram-se em movimento, remadas com vigor.

Perto de Boissucanga avistaram-se entre duas ilhas as primeiras canoas contrarias.

— “Lá estão os inimigos tupiniquins ! exclamaram os tupinambás. Bem o disse o nosso francês !”

Aquelas canoas, porém, logo que perceberam as dos tupinambás, trataram de fugir. Os tupinambás deram força aos remos e perseguiram-nas durante quatro horas, até alcançá-las.

Eram apenas cinco, todas da Bertioga. Hans reconheceu-as. Numa estavam seis mamelucos, entre os quais dois irmãos Braga — Domingos e Diogo. Estes homens resistiram heroicamente, um manejando o arco, outro a zarabatana.

— Que é zarabatana, vóvó ? indagou Pedrinho.

— E’ uma arma muito interessante, de uso na caça de animais pequenos. Consiste num tubo dentro do qual se oculta uma seta muito fina, de ponta envenenada. O atirador lança tal seta por meio de um sopro forte. A seta fere de leve e mata pelo veneno.

— Interessante ! exclamou Pedrinho. Vou fazer uma.

— E onde arranja o sopro forte ? objetou a menina. Para isso é preciso folego de indio . . .

Dona Benta deu-lhe razão e continuou :

— Domingos, Diogo e seus companheiros resistiram com extrema bravura durante duas horas. Resistiram a trinta canoas ! Afinal as suas flechas esgotaram-se ! Os tupinambás, então, deram-lhes em cima, capturando a uns e matando a outros.

Os irmãos Braga tiveram a sorte de não receber nenhum ferimento.

Finda a luta os tupinambás cuidaram de regressar a Maembipe, onde os prisioneiros foram levados para as cabanas dos seus respectivos apesadores.

Os feridos receberam morte imediata, sendo espostejados e assados ali mesmo. Entre estes havia dois mamelucos cristãos, um de nome Jeronimo e outro chamado Jorge Ferreira, filho de um capitão português.

O corpo de Jeronimo coube ao indio Paraguá, que era companheiro de cabana de Ipirú-guassú.

Paraguá assou-lhe a carne essa noite mesma, a dois passos de distancia do ponto em que Hans se deitara para dormir.

Está claro que o nosso Hans não pôde conciliar o sono. O cheiro do assado fê-lo erguer-se e sair. Andou então pelo acampamento em busca dos irmãos Braga, seus conhecidos da Bertioga.

Conseguiu encontrá-los e falar-lhes. A primeira pergunta que os infelizes fizeram foi se iam ser devorados.

Hans respondeu-lhes que tivessem fé na providencia divina, pois, como estavam vendo, ali se achava ele entre os selvagens, vivo, após oito meses de cativo.

Isto consolou-os um bocado. Em seguida perguntaram-lhe do Jeronimo.

— “Já está assado, respondeu Hans; e o filho do capitão Ferreira, esse já está comido”...

Ao ouvirem tão tristes novas os dois irmãos não puderam reter as lagrimas. Hans procurou animá-los, con-

tando-lhes toda a sua historia e recomendando-lhes paciencia.

— “O que Deus fez por mim, concluiu ele, tambem fará por vós. Entregai-vos, pois, á vontade divina, certos de que este mundo é mesmo um vale de lagrimas”.

— “Nunca o verificamos tanto como agora”, responderam os moços — e foram estas as ultimas palavras que Hans lhes ouviu.

XX

FESTAS DE CANIBAIS

DALI foi Hans Staden á choça onde estava Cunhambebe, ao qual perguntou o que pretendia fazer dos mamelucos.

— “Devorá-los!” foi a resposta do truculento canibal. Em seguida o proibiu de conversar com eles. Cunhambebe estava encolerizado contra os mamelucos; achava que deviam ter ficado em casa, em vez de meterem-se com os tupiniquins.

Hans rogou-lhe que os deixasse viver, e os vendesse aos portugueses.

O truculento chefe tupinambá, porém, repetiu-lhe que seriam devorados.

Hans desanimou, mormente presenciando com que prazer de glutão Cunhambebe comia naquele momento uma perna humana assada.

Ia começar a festa. O chefe ordenara que cada qual levasse o seu prisioneiro para um sitio limpo, adequado ás dansas.

Feito isso, principiaram as cerimoniaes. Os prisioneiros foram obrigados a cantar e chocalhar os maracás, enquanto os indios dansavam em redor deles. Em certo momento adiantou-se um dos prisioneiros tupiniquins e falou com arrogancia, de cabeça erguida :

— “Sim, saímos como costumam fazer os bravos, para matar e comer nossos inimigos. Fomos vencidos e aprisionados, mas pouco importa. Os valentes morrem em terra inimiga. Nossa nação é poderosa e ha de vingar-nos !”

— Bravo ! exclamou Pedrinho. Assim é que um homem deve morrer. E os tupinambás ?

— Os tupinambás responderam : “Sim, nós tambem nos vingamos, nós tambem vamos agora vingar os muitos irmãos que nos matastes”.

Concluidas as dansas e as falas heroicas, cada qual levou consigo o seu prisioneiro.

Tres dias depois a expedição prosseguiu na viagem de volta. Boa que fôra a caçada, davam por conclusa a guerra. Os ubatubanos haviam capturado oito indigenas e tres mamelucos, além dos dois que levavam assados.

Logo que os guerreiros-caçadores chegaram a Ubatuba, Hans lembrou-lhes a promessa feita antes da partida, de o levarem a bordo do navio francês, ancorado em Iteron.

Os indios responderam que sim, que iriam levá-lo; mas primeiro queriam descansar e comer o “moquem”, isto é, a carne dos mamelucos trazida já assada.

Em frente á cabana de Ipirú, onde residia Hans, ficava a cabana do cacique Tatamiri (foguinho). Este chefe deu uma festa; mandou preparar muito cauim e forneceu o assado : a carne de Jorge Ferreira, o filho do capitão português.

Os convidados beberam, comeram e cantaram, numa grande alegria.

No dia seguinte requentaram os restos do moquem e repetiram a festança.

A carne do mameluco Jeronimo pertencia a Paraguá, indio morador da cabana de Ipirú. Paraguá tinha saído da taba em procura de mandioca para fabricar cauim e estava demorando.

— Mas o cauim, vóvó, não era feito de milho? interpelou Pedrinho.

— Sim, de milho ou, na falta do milho, de mandioca, e ás vezes de milho e mandioca ao mesmo tempo, respondeu dona Benta. E prosseguiu :

Hans impacientou-se. O navio devia estar prestes a sair, de modo que a demora de Paraguá poderia mais uma vez transtornar-lhe os planos.

Afinal o indio voltou, trazendo a mandioca necessaria.

Fez preparar o cauim e reuniu os amigos para um regabofe em torno da carne de Jeronimo, que estava dura como pau.

A essa festa foram obrigados a comparecer os irmãos Braga e mais um mameluco de nome Antonio; tiveram de beber com os selvagens e assistir ao devoramento do companheiro.

Os índios conversaram com eles muito cordialmente, como se fossem amigos, mas na alma de ambos só havia desespero e dor, tão terrível era o fim que os aguardava.

— E foram comidos esses moços? perguntou Narizinho.

— Não, minha filha. Puderam escapar. Hans indicou-lhes o melhor meio para isso e eles tiveram tanta sorte que conseguiram iludir a vigilância dos índios e fugir para a terra dos tupiniquins.

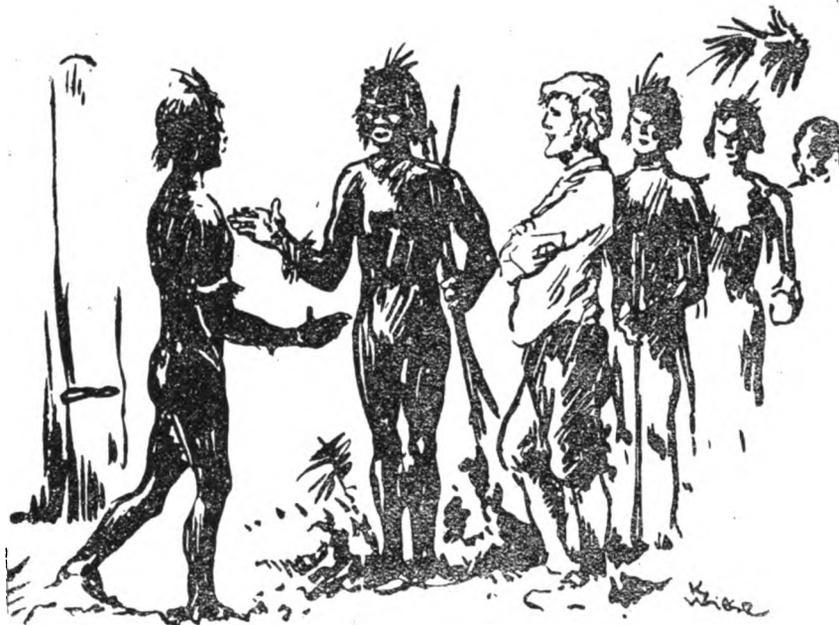
XXI

HANS MUDA DE TABA

DEPOIS desses acontecimentos Ipirú-guassú resolveu entregar Hans ao morubixaba Abatí-poçanga (bebida de milho), da taba de Itaquaquetuba (1). O nosso artilheiro foi conduzido para lá, onde o entregaram a Abatí, com recomendação de não lhe fazerem mal, porque o deus de Hans se mostrava terrível quando o maltratavam.

Hans confirmou tais palavras e disse que brevemente chegariam seu irmão e mais parentes, com um navio cheio de coisas destinadas ao morubixaba.

(1) Bambuzal.



Abati-poçanga chamou-lhe “seu filho”, tratou-o muito bem e nunca mais saiu á caça sem que o levasse consigo.

Sua situação mudara por completo. Embora prisioneiro, gozava de todas as regalias e já contava como certo o seu regresso á patria.

Quatorze dias depois da sua chegada a Itaquaquecetuba uns indios dirigiram-se a ele, dizendo ter ouvido tiros de peça dos lados de Iteron.

Era de fato um navio francês que entrara. Como o caso de Hans já andava muito espalhado, logo souberam dele a bordo, e o comandante mandou dois homens á sua procura.

Esses emissarios eram boas almas, em tudo diferentes do Karuatá-uára e do Jacó. Ao se encontrarem com o prisioneiro sentiram-se tomados de piedade, e com ele re-

partiram suas roupas. Depois explicaram que tinham vindo com ordem de conduzi-lo de qualquer maneira.

O coração de Hans palpitou violentamente, de jubilo e esperança. Qualquer coisa lhe dizia que era chegado o termo dos seus sofrimentos.

Conferenciou com os franceses e combinou o melhor meio de enganar os índios. Em seguida puseram em pratica o truque.



Um deles, de nome Perot, apresentou-se a Abatiçoanga como o tão esperado irmão de Hans, dono do navio de Iteron, e convidou-o a ir até lá com os seus índios, para receber os presentes trazidos. Pediu-lhe que levasse consigo o prisioneiro, afim de ser abraçado por outros parentes que ficaram a bordo. Quando o navio partisse, Hans regressaria á taba, entregando-se ao cultivo da pimenta, mercadoria que esse barco tinha de vir buscar no ano seguinte.

Os indigenas concordaram com a proposta e Abatípoçanga partiu para Iteron, levando Hans em sua companhia.

Lá chegando, subiram todos ao barco, sendo recebidos com toda a cordialidade pelos franceses.

Hans contou-lhes a sua historia e todos se enterneceram profundamente com tão longa tragedia.

Cinco dias durou a permanencia de Abatí a bordo. Ao termo desse prazo perguntou ele pelos presentes. O comandante disse a Hans que o fosse entretendo até o momento de largar ferro, mas de modo que Abatí não se zangasse, nem desconfiasse.

Hans engambelou o indio; apesar disso Abatí desconfiou e insistiu em levá-lo para terra.

Hans fez-lhe ver que quando parentes e bons amigos se encontram, depois de longa ausencia, não podem separar-se assim depressa; pediu-lhe um pouco mais de paciencia; o navio muito breve iria partir e então regressariam todos á taba.

Abatí achou razoavel aquilo e cedeu.

Finalmente, completada a carga, embarcaram-se os franceses e o navio aparelhou para zarpar.

O comandante reuniu os indios na coberta e, por meio de um interprete, disse-lhes que estava muitissimo contente com eles por terem poupado Hans, apesar de o haverem apanhado entre inimigos; disse que mandara chamá-los a bordo para os presentear em agradecimento ao bom trato que dispensaram ao prisioneiro; disse mais que sua intenção era deixá-lo na taba de Abatí, entregue ao cultivo da pimenta, já que Hans se dava tão bem por lá e era tão amado.

Nesse momento o comandante foi interrompido por um grupo de dez franceses que se declararam irmãos de Hans e lhe pediram que conseguisse dos índios a restituição do prisioneiro, cujo velho pai ansiava por abraçá-lo de novo.



O comandante, depois de ouvida a suplica dos dez irmãos, dirigiu de novo a fala aos índios. Disse-lhes que sua intenção sempre fôra deixar o prisioneiro com Abati; mas os dez irmãos queriam o contrario, e como ele era um só e os outros dez, não tinha meios de resistir ao numero, sendo forçado a ceder diante da força.

Mal o comandante cessou de falar, adiantou-se Hans para dizer que muito desejava ficar na taba de Abati onde fôra tão bem tratado, mas que se via impedido disso pela atitude dos seus dez irmãos.

Abatí-poçanga declarou então que consentia na sua partida com a condição de voltar no ano seguinte. Era seu amigo, considerava-o seu filho e estava zangado com os de Ubatuba por terem querido devorá-lo.

A comedia acabou bem. O comandante fez vir facas, espelhos, machados e pentes e entregou tudo a Abatí.

Terminadas as despedidas, os indios desceram ás canoas.

Ao vê-los, enfim, deixarem o navio, o nosso Staden soltou o maior *uff!* que a historia do Brasil registra.

Estava salvo!

XXII

A SALVAÇÃO

— **Q**UE NAVIO era esse, vóvó?
— Esse navio chamava-se “Catherine de Vataville” e tinha por comandante o capitão Guillaume de Moner.

No momento de deixar Iteron o “Vataville” avistou um barco português que tambem saia, depois de ter negociado com uma tribu de maracajás.



Os franceses lançaram ao mar um escaler com algumas bocas de fogo, com o fito de atacá-lo, levando consigo Hans. Como o artilheiro falava português, quiseram que ele fosse, para intimar os portugueses á rendição.

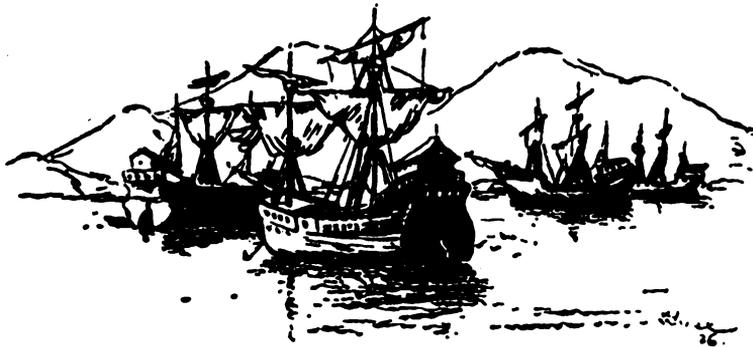
O trunfo, porém, saiu ás avessas. O naviozinho atacado reagiu valentemente e repeliu o escaler. Morreram varios franceses, além de muitos feridos, entre os quais o proprio Hans.

— Que azar! exclamou Pedrinho. Teria graça se depois de livre dos canibais morresse das balas dos peros...

— E quasi foi assim, disse dona Benta, porque recebeu ferimentos graves; mas a sua natureza era rija e por fim escapou.

A partida de Iteron deu-se no ultimo dia de outubro de 1554. Ferido como se achava, Hans não pôde despedir-se daqueles ceus e daquelas montanhas, mas lá do leito em que ardia em febre disse mentalmente um “até nunca mais” á terra onde por um triz escapou de ser moqueado e comido.

A 20 de fevereiro do ano seguinte o “Vataville” chegou a Honfleur, na Normandia, depois de quatro meses de viagem sem incidentes.



Parece que a sorte adversa se cansara de perseguir o nosso aventureiro, depois de verificar que coisa nenhuma o vencia. Naufragios, combates navais, guerra terrestre, sanha de antropofagos — nada pôde com ele.

Hans regressou á sua patria, onde escreveu o livro em que conta estas historias, livro precioso para nós porque foi o primeiro publicado a respeito de coisas do nosso país.

Agora, que terminei a narração da sua vida atormentada, quero que vocês me digam que lição tiram dela, concluiu a vóvó.

— Que não devemos desanimar nunca! exclamou Pedrinho incontinenti.

— Isso mesmo, aprovou a boa senhora. E você, Narizinho, que lição tira?

— Que são horas de ir para dentro porque a Emilia está pendendo de sono, respondeu a travessa menina, abrindo a boca num bocejo de urutau.



**This book is a preservation photocopy
produced for the Northwestern University Library.**

**It is made in compliance with copyright law
and produced on acid-free archival
60# book weight paper
which meets the requirements of
ANSI/NISO Z39.48-1992 (permanence of paper)**

Preservation photocopying and binding

by

Acme Bookbinding

Charlestown, Massachusetts



1999



3 5556 025 359 26

